

DELEGACIA DE ESTATÍSTICA DO RIO G. NORTE  
FUNDAÇÃO IBGE

# RN. ECONÔMICO

MEMBRO DE ASSINANTE  
VENDA PROMÍSSA

387



404

## DINARTE MARIZ:

### O 34/18 ESCRAVIZA O NORDESTE

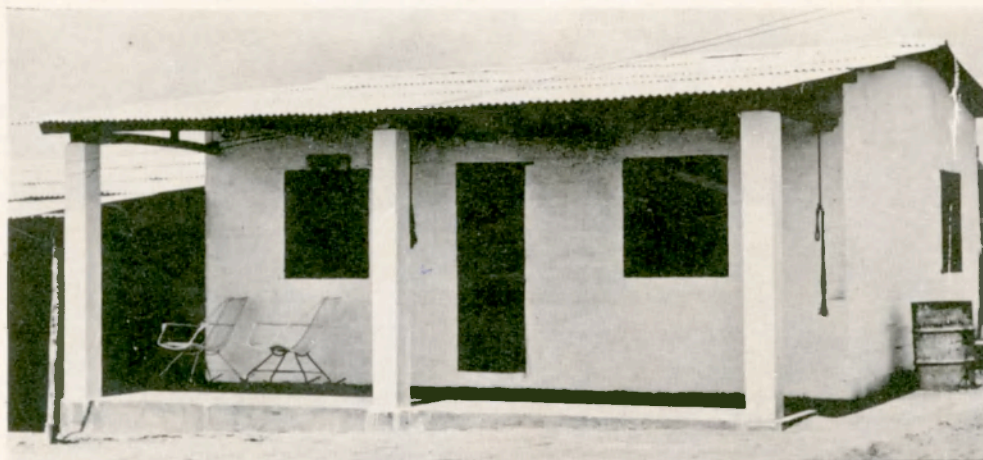
# VILAS RURAIS

O MAIOR PROJETO DE GOVERNO NO RN QUE A

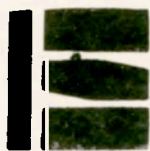
## CONSTRUTORA SERIDÓ

AJUDA A IMPLANTAR

*A Construtora Seridó está construindo três casas por dia nas Vilas Rurais. Em maio próximo, 320 residências estarão concluídas, prontas para serem entregues às famílias que vão colonizar a grande área. Para executar esta obra a Construtora abriu nada menos de 1.500 oportunidades de emprego, beneficiando diretamente a mão-de-obra ociosa da região salineira do Estado.*



*É esta a ajuda que a nossa empresa tem dado na gigantesca obra de transformar uma região que antes era quase um deserto, na maior experiência de reforma agrária jamais levada a cabo no Nordeste. Experiência que, embora ainda não concluída, já começa a atrair a atenção do Brasil.*



### Construtora Seridó Ltda.

Av. Tavares de Lira, 100 - Cx. Postal 356 - Fones: 2-1489  
e 2-2252 - Natal - Rio Grande do Norte

Diretores-Editores

MARCOS AURÉLIO DE SÁ

MARCELO FERNANDES  
DE OLIVEIRA

Gerente

Lino Guerra

Redatores

Jorge Batista  
Sebastião Carvalho

Diagramação

Marcos Aurélio de Sá

Arte

Ailton Paulino

Fotos

João Garcia de Lucena

Colaboradores

Alvamar Furtado  
Antônio Florêncio  
Benivaldo Azevedo  
Cortez Pereira  
Dalton Melo  
Domingos Gomes de Lima  
Edgar Montenegro  
Epitácio Andrade  
Fabiano Veras  
Fernando Paiva  
Genário Fonseca  
Hélio Araujo  
Hênio Melo  
Joanilson P. Rêgo  
João de Deus Costa  
João Wilson M. Melo  
Jomar Alecrim,  
Luiz Carlos A. Galvão  
Manoel Leão Filho  
Mário Moacyr Porto  
Moacyr Duarte  
Ney Lopes de Souza  
Nivaldo Monte  
Otto de Brito Guerra  
Severino Ramos de Brito  
Túlio Fernandes Filho  
Ubiratan Galvão

RN-ECONÔMICO, revista mensal especializada em assuntos econômico-financeiros do Rio Grande do Norte, é de propriedade da EDITORA RN-ECONÔMICO LTDA. CGCMF 08423279. R. Princesa Isabel, 670, térreo, fone 2-0706, Natal (RN). Impressa na Gráfica OFFSET, Av. Rio Branco, 325, Natal (RN). Preço do exemplar: Cr\$ 4,00. Números atrasados: Cr\$ 4,50. Assinatura Anual: Cr\$ 40,00.

# SUMÁRIO



## Reportagens

- 9 Dinarte Mariz  
O 34/18 ESCRAVIZA O NORDESTE
- 15 Investimento  
O MAR ESTA' PRA' PEIXE E CAMARÃO
- 16 Vilas Rurais  
REFORMA AGRA'RIA PARA O BRASIL VER
- 19 Cinema  
O DIFICIL NEGÓCIO DA EXIBIÇÃO
- 22 Soriedem  
ÚNICA CONFECÇÃO DO RN NO CLUBE DE MODA RHODIA
- 24 Ataka—Ueb  
ALGO MAIS QUE O COMPLEXO DE SÃO GONÇALO
- 26 Algodão  
O FIBRA CURTA É QUEM MANDA NO MERCADO
- 28 Análise  
GUARARAPES, JOSSAN E APERN VÃO CRESCER EM 73
- 30 Exportação  
O "BOOM" DA LAGOSTA
- 32 Incentivos Fiscais  
HAVERA' SOLUÇÃO PARA O 34/18?
- 34 Reflorestamento do RN  
UM RAMO NA ORDEM DO DIA
- 36 Questão do Leite  
A PASTEURIZAÇÃO É IRREVERSIVEL



## Secções

- 4 Homens & Empresas
- 24 Página do Editor

● **MAIS 1.200 EMPREGOS NAS CONFEÇÕES GUARARAPES**

Com a ampliação da sua área industrial, as Confeções Guararapes S/A vão criar mais 1.200 empregos diretos em Natal. A informação foi prestada diretamente por Nevaldo Rocha, Diretor-Presidente da empresa, ao RN-ECONÔMICO. Disse ainda Nevaldo que se pode esperar novas ampliações nas atividades da sua indústria no Rio Grande do Norte, nos próximos meses. É possível mesmo que o grupo dê início a novos empreendimentos.



Nevaldo Rocha

● **BALANÇO DA GUARARAPES FECHA COM 62% DE LUCRO**

O lucro apurado pelas Confeções Guararapes S/A no exercício de 1972 foi da ordem de 62 por cento sobre o capital investido na empresa. Frisa Nevaldo Rocha que pouquíssimas empresas no Brasil conseguem esse índice de rentabilidade. E a Guararapes mantém esse índice há muitos anos.

● **BORBOREMA RECEBE PEDIDOS DO JAPÃO, CANADA E ALEMANHA**

A Fiação Borborema S/A deverá ainda no corrente mês de março fazer os seus primeiros embarques de fios finos de algodão para o Exterior. A informação foi prestada por Angelo Lagrotta, diretor-administrativo da empresa, que forneceu ainda os detalhes de que serão atendidos três pedidos, cada um de dez toneladas, para indústria do Japão, do Canadá e da Alemanha Ocidental.

● **BORBOREMA: FATURAMENTO SUPERA UM MILHÃO POR MÊS**

Com o seu projeto considerado implantado pela SUDENE, a Fiação Borborema S/A já atingiu o seu ponto máximo de produção: 50 toneladas de fios finos de algodão por mês, o que representa um faturamento superior a Cr\$ 1.000.000,00.

Funcionando em três turnos, com 160 empregados, a Fiação Borborema S/A entra disparada, este ano, na fase dos lucros.

● **CICOL POSSUI 30 MILHÕES DE OBRAS CONTRATADAS**

A CICOL (Companhia de Investimentos e Construções Ltda.), firma construtora que se acha em franca expansão, tem hoje um volume de obras contratadas no RN e em outros Estados superior a 30 milhões de cruzeiros. Há pouco tempo, a CICOL venceu os principais itens da concorrência para a ampliação do sistema de saneamento e abastecimento d'água de Natal, obra de Cr\$ 4,7 milhões. Os Estados onde a CICOL mantém maior número de obras são Pernambuco, Pará, Bahia e Rio de Janeiro.

● **MARCELO PORTO E MANOEL MAIA ADQUIREM PROJETO**

O projeto de Ceras Industriais Ltda., aprovado pela SUDENE, foi transferido para Marcelo Porto e Manoel Maia, empresários que atuam no setor de mineração e no mercado de capitais. Benivaldo Azevedo e Jomar Alecrim, seus antigos proprietários, resolveram se associar a eles, cedendo-lhes o controle acionário do empreendimento. Ceras Industriais Ltda., será uma indústria que beneficiará cera de carnaúba, fabricando ceras de assoalho, polidores e outros produtos. Ficará situada em Parnamirim, em terreno de 18.000 m<sup>2</sup>, próximo à COIRG.



Jomar Alecrim

● **INDUPLAN JÁ TRABALHA PARA OUTROS ESTADOS**

O economista Jomar Alecrim informa que a INDUPLAN elaborou e encaminhará para a SUDENE este mês o projeto de implantação da indústria Pesqueira do Recôncavo Ltda., que se dedicará à criação de peixe em cativeiro no Estado da Bahia. O projeto, no valor de Cr\$ 1,5 milhão, é o primeiro que a INDUPLAN elabora para grupos econômicos de fora do Rio Grande do Norte. Isto porque é a INDUPLAN o único escritório de planejamento do Nordeste com experiência em trabalhos que envolvem a pesca em viveiros.

● **OSMUNDO OUTRA VEZ NOS ESTADOS UNIDOS**

O presidente do Banco do Rio Grande do Norte S/A, Osmundo Faria, aceitando convite da empresa Marathon Manufacturing, Co., esteve nos Estados Unidos em princípio de março, discutindo as possibilidades desse grupo norteamericano investir no Rio Grande do Norte, em indústria pesada. Não foram revelados maiores detalhes dos entendimentos mantidos.

● **10 MILHÕES PARA A AGRICULTURA**

Por outro lado, Osmundo Faria esteve em Brasília, em fins de fevereiro, para encaminhar ao Banco Central o processo de aumento de capital do BANDERN, de 3 para 10 milhões de cruzeiros. Na mesma oportunidade, conseguiu a liberação de Cr\$ 10 milhões para aplicação nos programas agrícolas do Governo do Estado (açudagem, irrigação, compra de máquinas e implementos).



Roberto Santiago

● **ECT CONTINUA EXPANSÃO EM 73**

Roberto Santiago, diretor da Empresa Brasileira de Correios de Telégrafos no Rio Grande do Norte, anuncia os planos do órgão para 1973 e comunica inaugurações de obras. A ECT abrirá uma nova agência de correio nos bairros do Alecrim e da Cidade-Alta, esta última exatamente no Grande Ponto. Também inaugurará as agências das cidades de Macau, Areia Branca, Macaíba, Martins, Angicos e Ceará-Mirim, totalmente reformadas e aparelhadas. A atual agência da rua Princesa Isabel passará a ser utilizada pelo SERCA (Serviço de Correspondência Agrupada). A sede da ECT, na Ribeira, ganhará nova fachada de mármore. Outra novidade é que a ECT passará a credenciar postos de venda de selos (um dos quais no Hotel dos Reis Magos) e criará um serviço de entrega de presentes e encomendas, que poderá ser utilizado por lojas do nosso comércio. Roberto Santiago acredita que 1973 será um ano excelente para a sua empresa.

● **ECOCIL SERA  
SOCIEDADE ANÔNIMA**

O engenheiro Fernando Bezerra anuncia a transformação da ECOCIL (Empresa de Construções Cíveis Ltda) em Sociedade Anônima. Hoje, com um capital de Cr\$ 3 milhões, a ECOCIL está entre as maiores empresas de construção civil do Estado. Em fase de franca expansão, a ECOCIL começa a ganhar terreno fora do Rio Grande do Norte. Com um volume de obras contratadas que atinge a soma de 13,5 milhões de cruzeiros, esta empresa divide as suas atividades entre Brasília e o RN.



Fernando Bezerra  
e Andreazza

● **LUCIANO BARROS NO  
ESCRITÓRIO DE BRASÍLIA**

A ECOCIL já instalou escritório em Brasília, que está sendo chefiado diretamente pelo engenheiro Luciano Barros, um dos seus diretores, que por sinal planeja se fixar na capital federal, por conta do grande volume de obras e das boas perspectivas para a construção civil naquela região. A ECOCIL está construindo 700 casas populares na cidade-satélite de Taguatinga e está participando de uma série de concorrências vultosas.

● **OBRAS DA ECOCIL NO RN**

No Estado, a ECOCIL executa, atualmente, as obras de ampliação do sistema de saneamento e abastecimento d'água de Natal. Há pouco, ela concluiu os sistemas de abastecimento das cidades de Canguaretama, Areia Branca, Bahia Formosa e Parnamirim, antecedendo-se em 27 dias do prazo contratual estabelecido para a conclusão da obra pela CAERN, o que lhe valeu um prêmio de 54 mil cruzeiros. Esta importância, a direção da ECOCIL transferiu aos seus engenheiros e empregados, por reconhecer que o mérito lhes coube, pelo entusiasmo e eficiência com que trabalharam.



Haroldo, Alínio e Flávio, diretores da Construtora Seridó

● **CONSTRUTORA SERIDÓ  
NAS VILAS RURAIS**

A Construtora Seridó Ltda., está construindo três casas por dia nas vilas rurais que o Governo do Estado, através da CIMPARN, está implantando nas serras do Mel e do Cajueiro. Nesta obra, orçada em mais de Cr\$ 4 milhões a Construtora Seridó está oferecendo 1.500 empregos, beneficiando principalmente trabalhadores da região salineira de Areia Branca desempregados pela mecanização das salinas. Em fins de maio, estarão concluídas 320 casas previstas na primeira etapa do projeto das vilas rurais. O engenheiro Haroldo Azevedo, diretor-presidente da Construtora Seridó, é quem acompanha e supervisiona diretamente os trabalhos da sua empresa.

● **RADIR PEREIRA  
VIAJA AO JAPÃO**

Radir Pereira, diretor-presidente das organizações A SERTANEJA, empreende em fins deste mês uma viagem de 40 dias ao Oriente, demorando-se mais no Japão. Em seguida, retornará ao Brasil, via Estados Unidos, onde ainda permanecerá alguns dias. O seu regresso a Natal ocorrerá em maio. A excursão não tem finalidade comercial.

● **COMPLEXO INDUSTRIAL  
DA UEB FUNCIONA  
EM DOIS ANOS E MEIO**

Diretores da UEB (União de Empresas Brasileiras), grupo que está implantando no município de São Gonçalo do Amarante uma série de indústrias ligadas ao setor têxtil, informam que dentro de dois anos e meio estarão em funcionamento as fábricas de fiação, confecções masculinas e femininas, e de cartonagem. A indústria de fiação terá produção anual de 2.000 toneladas de fios finos, da qual 50% serão exportados para o Japão e países da Europa. Já a indústria de tecidos com know how japonês, produzirá 13 milhões de metros/ano. Sozinho, o complexo da UEB exportará 8 milhões de dólares por ano, ou seja, mais do que todas as empresas do Estado juntas, que em 1972 exportaram apenas 6,6 milhões.

● **F. BEZERRIL CRIA  
MAIS UMA EMPRESA**

Fernando Bezerril comunica a constituição de sua nova empresa, a MONTAP (Montagens e Pinturas Ltda.), para a prestação de serviços técnicos em obras de engenharia civil, incluindo impermeabilização. A MONTAP tem como responsável técnico o engenheiro Carlos Dumaresq, que também é sócio do empreendimento. O endereço da firma é o mesmo da CIBRESME: rua Frei Miguelinho, 108, fone 2-3004.



Fernando Bezerril

● **CIBRESME CONCLUIU  
GALPAO DA GUARARAPES**

O novo galpão industrial das Confeccões Guararapes S/A, medindo nada menos de 9 mil metros quadrados, já foi concluído pela CIBRESME, empresa que forneceu toda a estrutura metálica para a obra. Adicionando essa nova área à que atualmente já vem sendo utilizada pela fábrica, a Guararapes passa a ter quase 24 mil metros quadrados de área coberta.

● **OUTRAS OBRAS  
DA CIBRESME**

Segundo informação de Fernando Bezerril, representante da CIBRESME no Rio Grande do Norte, a sua representada já iniciou duas novas obras em Natal: está fornecendo estruturas metálicas para as Confeccões Reis Magos S/A (6.000 metros quadrados) e para um galpão do 7.º Batalhão de Engenharia de Combate (3.000 metros quadrados). Este mês, a CIBRESME iniciará a cobertura da nova fábrica das Confeccões Sucar S/A (6.000 metros quadrados), obra no valor de Cr\$ 500 mil.

● **FRUTAL-COMEÇA  
A CAPTAR 34/18**

A FRUTAL (Frutas Tropicais Ltda), empresa beneficiada pela SUDENE, começará a ser implantada até o mês de junho, em São Gonçalo do Amarante, próximo ao complexo industrial da DUCAL. O grupo líder do empreendimento (Benivaldo Azevedo e Jomar Alecrim) já iniciou a captação de recursos do 34/18 e anuncia para este mês a transformação da empresa em sociedade anônima, com capital autorizado de Cr\$ 5 milhões. A FRUTAL estará implantada em fins de 1974, oferecendo 448 empregos diretos. Beneficiará castanha de caju, para exportação.

● **PILHAS EVEREADY  
AGORA COM LUIZ VEIGA**

A firma Luiz Veiga & Cia., fabricante do Café São Luiz, é agora a distribuidora exclusiva das pilhas Eveready para o Rio Grande do Norte. Atuando no setor de representações, a firma Luiz Veiga & Cia. já trabalhava com os produtos Milharina (da Quakers), vendendo atualmente 18 mil quilos por mês, em Natal, e com os produtos Suerdiek (cigarilhas e charutos).

● **ROBERTO VEIGA VAI A  
REUNIAO DE TORREFADORES**

Roberto Veiga, vice-presidente do sindicato dos torrefadores de café do RN, representará o Estado na reunião que os industriais da torrefação de todo o país manterão com o ministro da Fazenda, Delfim Neto, sobre o problema de preços. É possível que novo aumento seja definido, proximamente.



● **PERI EM  
LONDRES**

A BRITISH CALEDONIAN inaugurou oficialmente dia 9 de março a seu vôo com escala em Recife, ficando assim o Nordeste do Brasil ligado diretamente a Dacar no norte da África e Londres na Inglaterra. Para este vôo inaugural foram distribuídos convites às autoridades e Agentes de Viagens da região entre os quais Peri Lamartine da Agência Aerotur desta cidade. A programação da viagem consta de uma semana de visita à Inglaterra por conta da British Caledonian.



● **JOSÉ NILSON DE SA  
VIAJARA A ÁFRICA**

Para conhecer os métodos de cultivo e industrialização do caju, viajará à África até meados deste ano o engenheiro José Nilson de Sá, diretor-presidente da Empresa Industrial Técnica S/A. Como se sabe, a Tanzânia e mais alguns países africanos lideram a produção mundial de castanha de caju, liderando também as vendas desse produto no mundo. Somente o Nordeste brasileiro tem condições de competir com a África nessa cultura, e até de suplantá-la. José Nilson de Sá, que também dirige a MAISA (empresa que já plantou na chapada do Apodi nada menos de 1.300.000 cajueiros e que ainda este ano construirá uma indústria de beneficiamento de castanha e de caju em Mossoró) pretende trazer dessa viagem novos conhecimentos. Deverá acompanhar José Nilson de Sá o engenheiro Geraldo Rola, também diretor da EIT e da MAISA.

● **MAISA INDUSTRIALIZARA  
OUTRAS FRUTAS REGIONAIS**

José Nilson de Sá anuncia que a MAISA, ainda em 73, transformará em suco industrializado nada menos de 1,5 milhão de toneladas de cajus. E, nos próximos anos, passará a industrializar a pinha (purê para exportação), o maracujá (30 mil pés já foram plantados), a pitanga, a cajarana e o melão. A MAISA possui uma área de 18 mil hectares. Lá, trabalham 40 tratores. E a MAISA, além de produzir frutas tropicais, produzirá este ano 2 milhões de quilos de algodão, produção que nenhum produtor do RN consegue atingir isoladamente. A produção de milho da MAISA também é a maior do Estado, calculada acima de um milhão de quilos. Até agora, já se investiu na MAISA Cr\$ 7 milhões.

● **CAPITAL DA EIT  
SUPERA 50 MILHÕES**

O capital social da EIT supera a casa dos 50 milhões de cruzeiros. Hoje, a Empresa Industrial Técnica S/A, que é a maior empresa de construção do Rio Grande do Norte, está cada vez mais perto das maiores construtoras do país. Um dado realmente importante para demonstrar a grandeza desta empresa potiguar é o de que ela tem hoje, contratadas, obras que atingem a soma de Cr\$ 120 milhões. Estas obras, quase todas no setor rodoviário, se dividem por vários Estados.



João Frederico Abbott Galvão

● **COSERN É QUEM  
MAIS CRESCE NO NE**

A COSERN — Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte, é a empresa de eletrificação que mais cresce no Nordeste, segundo informação da CHESF. Em 1972, ela atingiu um crescimento da ordem de 27 por cento, enquanto da Bahia ao Maranhão a companhia que mais cresceu atingiu o índice de 18%. Isto com um detalhe: a COSERN é a única companhia de eletrificação que não deve um centavo à CHESF. Esses dados demonstram o acerto da atual política administrativa da empresa liderada por Clóvis Gonçalves e João Frederico Abbott Galvão.

● **CHEGARAM MAQUINAS  
OFF SET DA INCARTON**

José Dias de Souza Martins, diretor da INCARTON — Indústria de Cartonagem S/A, anuncia que chegaram a Natal e já estão sendo montadas as máquinas da sua empresa, adquiridas na Alemanha e na Suíça, compostas de 2 impressoras off set Rolland, fotolito, guilhotinas eletrônicas, máquinas de corte e vinco, tudo num valor de Cr\$ 3 milhões. A INCARTON, que tem apoio da SUDENE e do BDRN, faz parte do grupo DUCAL. Em maio próximo, estará operando para atender à demanda de embalagens para a indústria de confecções do Estado.

● **DINARTE DESTACA  
O GRUPO SORIEDEM**

Em meio às palavras da entrevista que concedeu ao RN-ECONÔMICO, justamente quando se referia à finalidade social que o capital deve ter, o senador Dinarte Mariz citou um exemplo: "O Rio Grande do Norte precisa é de investimento como esse que os meninos do coronel João Medeiros estão fazendo. O dinheiro que eles ganham, eles empregam aqui mesmo, em novas indústrias. Vejam a imensa fábrica da SORIEDEM, ali na entrada da cidade. Isso sim, é capital que tem finalidade social. Sou contra os que investem aqui e levam os lucros para fora".

● **DINAN EM  
NOVA FÁBRICA**

Otávio Maia e Francineide Diniz, diretores das Confeções DINAN, fecharam negócio com o grupo Cyro Cavalcanti e já instalaram a sua indústria no prédio onde funcionou a Indústria Plastoni, nas Rocas. A Plastoni, unida à Planosa, passa agora o seu equipamento para os galpões industriais dessa última. Com a sua transferência da Salgado Filho para as Rocas, as Confeções DINAN terão amplas condições de espaço para elevar sua produção de fardas e roupas profissionais.



Jair Nogueira

● **PAPI TEM DOIS  
MIL ASSOCIADOS**

O médico Jair Nogueira, diretor do PAPI, anuncia que o seu serviço de assistência médica à infância já atingiu a casa dos 2 mil associados, ou seja, duas mil crianças já estão recebendo total assistência de sua clínica pediátrica, mediante o pagamento de uma pequena taxa mensal. O PAPI mantém uma equipe médica de plantão durante as 24 horas do dia.

● **ENARQ CONSTRÓI  
21 KM DE ADUTORA**

Está entregue à ENARQ, empresa que construiu o Estádio de Lagoa Nova, a construção de 21 quilômetros de adutora ligando o açude Gargalheiras a Currais Novos, obra que possibilitará o abastecimento d'água dessa cidade. O custo da adutora está previsto em Cr\$ 2,7 milhões. Por outro lado, o engenheiro Mário Sérgio Viveiros, chefe do escritório da ENARQ, em Natal, informou que a sua empresa está construindo três importantes reservatórios para a CAERN, em Natal, dentro do plano de ampliação da rede de abastecimento d'água da capital. Os três reservatórios custarão Cr\$ 2,5 milhões.

● **CONVÊNIO DE UM  
MILHÃO GARANTE  
TRABALHO DA ANCAR**

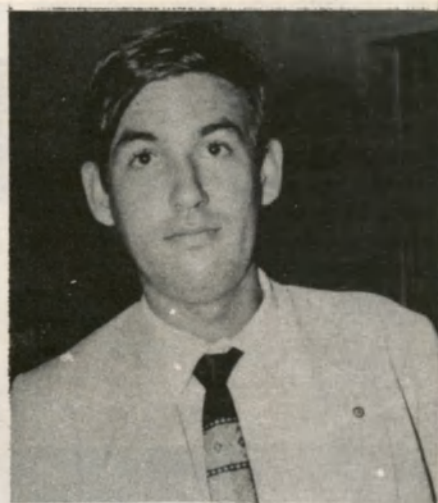
O agrônomo João Vicente Feijão Neto, secretário-executivo da ANCAR-RN, assinou convênio com o Governo do Estado no valor de Cr\$ um milhão, que vai garantir a execução do programa de extensão rural no RN, no ano de 1973. Da parte do Estado, firmou o convênio o governador Cortez Pereira.



Heriberto Escolástico

● **ARTEFA JA INICIOU A  
PRODUÇÃO DE COLARINHOS**

A ARTEFA (Artefatos de Confeções Ltda.) já deu início à sua produção de colarinhos de plásticos destinados ao atendimento das muitas indústrias de confeções de Natal, exclusive da Guararapes, que possui fábrica própria. Funcionando em caráter experimental, a ARTEFA está produzindo 16 mil colarinhos/dia. Mas, brevemente, passará a produzir 50 mil. Essa indústria é dirigida por Heriberto Escolástico Bezerra e Miguel Ferreira Segundo, o primeiro diretor-comercial da CIMPARN, e o segundo ex-diretor-de-operações do BANDERN. A ARTEFA tem capital de Cr\$ 600 mil, tendo recebido financiamento de Cr\$ 200 mil do BDRN (recursos do FIPEME). Esta é uma indústria pioneira no Nordeste. Ela está situada à rua Teotônio Freire, na Ribeira, e possui atualmente 24 empregados.



Edgar Dantas

● **CASOL VAI PERFURAR  
150 POÇOS ESTE ANO**

A CASOL deverá perfurar 150 poços tubulares no corrente ano, de acordo com o plano do seu diretor-presidente, geólogo Edgar Dantas. Em 1972, a CASOL bateu todos os recordes anteriores, conseguindo perfurar 62 poços. Com isso, conseguiu equilibrar o balanço da companhia, que em 1971 apresentara um prejuízo de Cr\$ 150 mil. Tranquilamente — assegura Edgar — 1973 será um ano de bons lucros para a CASOL. Somente para a CAERN, a companhia vai perfurar 31 poços, já contratados, no valor de Cr\$ 2,2 milhões.

● **PROJETO DE HEMETÉRIO  
VAI A SUDENE ESTE MÊS**

A DUMAR — Indústria Nacional de Alimentos, empresa que vai beneficiar ostra, siri e carangueijo, terá o seu projeto enviado à SUDENE ainda este mês. Hemetério Gurgel, diretor-presidente da DUMAR, informa que a indústria terá capital de Cr\$ 4 milhões e ficará situada em Macaíba, à margem do rio Potengi. A produção da DUMAR será de 400 toneladas de carne de ostra, 180 toneladas de carne de siri e 100 toneladas de carne de carangueijo, por ano. No caso da ostra, a empresa terá criações próprias.

● **MAIS INDÚSTRIAS  
VIRÃO PARA O RN**

O governador Cortez Pereira está otimista quanto aos resultados da sua participação no PIESANOR (Programa de Integração Empresarial São Paulo-Nordeste). Afirma ele que, pelos proveitosos entendimentos mantidos, cerca de dez importantes projetos poderão ser trazidos para o RN, nos setores de malharia, silenciosos para automóveis, cerâmica, filtros para poços, tecelagem, reflorestamento, criação de peixes e crustáceos em viveiros, redução de tungstênio para lâmpadas elétricas. Objetivamente, o grupo Gasparian já iniciou estudos para implantar um fábrica de tecidos em Natal.

# 'AS METAS DA COHAB-RN



Na foto, o Dr. JOSÉ ROBERTO PINTO DO REGO MONTEIRO, orientando diretores da COHAB-Rn sobre a implantação do PLANHAP

Implantando o PLANHAP no Rio Grande do Norte, a COHAB-Rn desenvolverá em 1973 um intenso programa de atividades, do qual sobressaem os seguintes itens:

- 1 - Restauração da COMPANHIA DE HABITAÇÃO POPULAR nos moldes do PLANHAP;
- 2 - Implantação do FUNDHAP - Fundo de Habitação Popular;
- 3 - Pesquisa sócio-econômica e levantamento das necessidades habitacionais da capital;
- 4 - Construção de conjuntos residenciais para atendimento à população de baixa renda. Previsão do PLANHAP: 21 mil residências em todo o Estado;
- 5 - Estudos para remanejamento de aglomerados;
- 6 - Implantação de centros de triagem;
- 7 - Execução do programa "terreno próprio", com previsão de construção de 200 residências;
- 8 - Construção, durante todo o ano de 1973, de 1.200 unidades padrão econômico.



## COHAB-RN

Companhia de Habitação do Rio Grande do Norte  
governo CORTEZ PEREIRA



# DINARTE

# MARIZ

O 34/18

ESCRAVIZA O

NORDESTE



Texto de MARCOS AURÉLIO DE SÁ  
Reportagem de SEBASTIÃO CARVALHO  
Fotos de JOÃO GARCIA DE LUCENA

Dinarte de Medeiros Mariz, 69 anos, natural do Seridó, é o que se pode considerar um homem realizado: tem sido na vida tudo o que quer. Começou pelos caminhos mais difíceis a sua longa e legendária jornada política; foi oposição para depois ser situação. E, da mesma maneira como esteve de cima, também esteve de baixo, suportando com paciência e dignidade os dias de desventura. Ao voltar ao poder, destruiu politicamente, de forma irremediável, os seus antigos presunçosos carascos. Agora, depois de ter sido governador de Estado e de se encontrar pela terceira vez ocupando uma cadeira no Senado da República, Dinarte Mariz tornou-se personalidade política nacional, voz respeitada e experiente, graças a uma firmeza de caráter que ninguém contesta e a uma liderança que o tempo só tem feito solidificar.

Amigo da intimidade de presidentes da República, de ministros, de líderes do Congresso, Dinarte de Medeiros Mariz tem uma força de influência que chega a surpreender. E, sem dúvida, deve esta

força à sua coragem de falar com franqueza, quando outros preferem calar.

Nesta reportagem exclusiva concedida ao RN-ECONÔMICO, Dinarte Mariz diz algumas verdades sobre os problemas brasileiros e nordestinos de desenvolvimento econômico; critica o governo federal por fazer pouco pelo Rio Grande do Norte; condena veementemente o sistema de incentivos fiscais; protesta contra a exploração dos Estados pobres pelos Estados ricos; vocifera contra o capital que não tem finalidade social; alerta contra a invasão dos grupos econômicos alienígenas que já dominam o sal e outras riquezas do Rio Grande do Norte. Enfim, o velho senador se revela um defensor extremado de medidas que corrijam as distorções existentes na atual política brasileira de desenvolvimento, chegando a dizer: "Temo pelo futuro do Rio Grande do Norte, pois a cada dia que passa sinto que nos distanciamos mais do processo de desenvolvimento de outras regiões e até mesmo de outros Estados vizinhos".

Dinarte de Medeiros Mariz dedicou muitos anos de sua vida à atividade empresarial, tendo sido, tempos atrás, um dos mais destacados compradores de algodão do Seridó. A sua visão socio-econômica dos fatos tem, portanto, a influência do comércio e da indústria, aliada à experiência política. Mesmo sem ter adquirido nos bancos universitários a visão filosófica e a interpretação humanística, o velho senador ao falar emite conceitos profundos e originais sobre os problemas da nossa economia. Conceitos forjados pela luta de tantos anos.

— Nenhuma nação, ao que me conste, promoveu desinteressadamente o enriquecimento de outras nações. E eu aplico a mesma tese para os Estados de uma nação. Não acredito que nenhum Estado venha promover o desenvolvimento de outro Estado. Evitando o pagamento do seu Imposto de Renda, o industrial do Centro-Sul vem ao Nordeste empregar um dinheiro que, de fato, não mais lhe pertence, para depois fazer a gorda coleta dos lucros e levá-los de volta, a começar pela cobrança de 30 ou 40% de ágio para poder investir.

Este é o ponto de vista do senador sobre o sistema de incentivos fiscais criado pelo governo federal, inicialmente para promover o desenvolvimento do Nordeste. Enumerando os pontos falhos do sistema, ele chega a sugerir uma solução:

— Já tenho me manifestado em muitas oportunidades contrário ao 34/18 pois — apesar de reconhecer a boa vontade e sobretudo a honestidade com que se procurou, através dessa fórmula, estimular a economia nordestina — a prática tem demonstrado que esses incentivos fiscais têm sido instrumento mais para o beneficiamento das regiões ricas e industrializadas do que para a prosperidade das regiões empobrecidas. O 34/18 vai terminar concorrendo para a escravização crescente da economia do Nordeste.

### AS SOLUÇÕES EXISTEM

Uma das virtudes mais conhecidas de Dinarte Mariz é que ele não limita a sua ação política à crítica; ele aponta erros e mostra soluções. E a maneira de concertar a atual política da SUDENE é a seguinte, segundo ele:



“A corrupção  
anda junto  
com o 34/18”



— Alguém já tem me perguntado que solução eu daria às distorções observadas na SUDENE. Eu sempre respondo que o Nordeste só poderá se desenvolver e progredir pelas mãos dos próprios nordestinos. É preciso que o governo federal tome de quem tem para dar a quem não tem, em vez de dar a quem tem para escravizar a quem não tem.

E prossegue o senador:

— Na minha opinião, é preciso criar o Fundo para o Desenvolvimento do Nordeste. Isto, em primeiro lugar, para acabar com a evasão da renda regional através do 34/18. Incluído no Orçamento da União, esse Fundo seria o remédio ideal, pois assim se conseguiria os recursos da região mais enriquecida — que mais impostos recolhe — para aplicá-los na região nordestina, por mãos de empresários nordestinos.

Aprofundando-se na hipotética utilização desse Fundo para o Desenvolvimento do Nordeste, acentua o senador:

— Uma vez no Orçamento, a verba repetida anualmente, seria no seu total através de parcelas, depositada no Banco do Nordeste. A SUDENE, criada para orientar e promover o desenvolvimento da região, efetuaria os estudos dos interessados na industrialização e na agropecuária, elaborando projetos que seriam então financiados pelo BNB, para pagamento em 30 anos, com quatro de carência e juros anuais de 4%.

### NADA DE PATERNALISMO

Toda essa proteção aos interessados no dinheiro a ser aplicado, o senador justifica:

— Por acaso, o dinheiro dos incentivos fiscais não está entregue gratuitamente aos capitalistas do Sul? E, usando deste dinheiro, não estão eles explorando os industriais do Nordeste? Isso prova que o paternalismo dessa política é prejudicial. E eu sempre fui contra, não acredito em paternalismo dentro da economia. A adoção do Fundo de Desenvolvimento, além de tornar obrigatória a devolução dos recursos ao Tesouro Nacional, criaria um sistema de rotatividade que dentro de algumas décadas teria propiciado outra feição ao Nordeste.

### O NORDESTE É NOSSO

Prossegue Dinarte Mariz:

— Só creio no desenvolvimento do

Nordeste promovido pelo próprio nordestino. O sistema do 34/18 deixa o Nordeste em situação semelhante àquela em que o Brasil vivia mergulhado há alguns anos, explorado por outras nações que aqui aplicavam o seu capital para explorar nossas riquezas e exportavam os lucros e os juros do capital empregado. Se a Revolução dinamizou o organismo econômico do país, libertando-o da exploração pelo capital estrangeiro, não deve permitir que o capital do Centro-Sul subjuguem a economia nordestina, numa repetição doméstica de um fenômeno banido da vida econômica brasileira.

#### 34/18 É CORRUPÇÃO

— Se não existissem outros motivos que tornassem necessária a reformulação do sistema — afirma o senador do Rio Grande do Norte — bastaria a corrupção que se armou na captação dos recursos do 34/18, corrupção esta vinculada também, em muitos casos, à “indústria” de elaboração de projetos, para que o tema merecesse a diuturna atenção das autoridades.

E continua:

— O capital só é benéfico quando tem finalidade social. Capital que vem exclusivamente explorar as riquezas de uma região sem deixar quase nada em troca, coletando tudo de volta, não tem sentido social. É preciso que o capital se integre na economia da região onde vai atuar, multiplicando os seus lucros em investimentos na própria região, garantindo assim o bem-estar da comunidade. Fora disto, o que existe é a exploração do trabalho pelo capital, tão combatida por leis universais.

#### O FUTURO DO RN

— Temo pelo futuro do Rio Grande do Norte, pois a cada dia que passa eu sinto que nos distanciamos mais do processo de desenvolvimento de outras regiões e até mesmo de outros Estados vizinhos.

Este desabafo de Dinarte Mariz, antes de parecer uma alegoria pessimista partida de um homem que sempre almejou melhores dias para a sua terra, significa um brado de alerta contra a situação a que está relegado o Rio Grande do Norte no cômputo dos empreendimentos de cunho nacional. A sua frase de efeito se refere ao nosso Estado em face da política desenvolvimentista da área federal. E ele ressalta uma verdade dura:



“As obras estruturais a cargo do governo federal no RN estão paradas”



— É forçoso reconhecermos que as obras estruturais a cargo do governo federal no Rio Grande do Norte ou se acham paralizadas ou caminham morosamente, em relação ao dinamismo com que são executadas em outros Estados.

#### O GOVERNO DE CORTEZ

O panorama econômico do Rio Grande do Norte só não aparece totalmente nublado graças à ação do governo estadual. Afirma o senador:

— Reconheço e proclamo o esforço do governador Cortez Pereira, envolvido numa batalha sem repouso para conseguir os recursos que estão sendo utilizados numa área realmente carente de assistência — como é a agricultura e a pecuária. A construção dos açudes, as vilas rurais na Serra do Mel, a compra de tratores, os projetos para a chapada do Appdi e para o litoral visando ampliar a cultura do algodão, do caju e do coco, são realmente fatos dignos de aplausos.

#### OBRAS DO GOVERNO FEDERAL

Voltando a se referir ao seu temor pelo futuro do RN, o senador analisa a situação das poucas obras federais no Estado. Diz ele:

— Nenhuma BR está sendo atualmente trabalhada no Rio Grande do Norte. Inexplicavelmente, a BR-227, que graças ao ex-governador Walfredo Gurgel foi iniciada, está paralizada em Serra Negra, a 12 quilômetros para chegar aos limites da Paraíba e entroncar com a BR-230. Esta obra tem para nós o significado de uma Transamazônica. E, na verdade, com a sua conclusão estaremos mais próximos da Transamazônica do que João Pessoa e Recife. Já a BR-226, iniciada há mais de 20 anos, acha-se paralizada em Currais Novos. A BR-226 é a rodovia de maior importância econômica para o Rio Grande do Norte.

#### NO RN, TUDO SÃO PLANOS

Voltando-se para a análise de outros setores, o senador reitera o esquecimento a que os órgãos federais relegaram o nosso Estado:

— “O porto de Natal vem sendo estudado há meio século, sem que nada

# Em nossa Revenda, v. vai encontrar a linha Volkswagen 73 cheia de surpresas agradáveis. Inclusive o preço.



Vamos começar pelo Fuscão: novos pára-lamas, novos faróis, novas cores e novos tons de estofamento, além de mais 18 aletas de refrigeração na tampa do motor para que ele respire melhor.

Na linha TL e na Variant foram introduzidas aberturas nas laterais da carroceria que permitem a circulação automática de ar no interior dos veículos, mesmo com os vidros fechados.

A renovação do ar é constante e suave para o seu maior conforto. Enfim, todos os modelos, desde o Fusca 1300



até os modelos esportivos, têm novas cores, novos tons de estofamento e inovações que asseguram aos veículos maior requinte e beleza.

Venha v. mesmo conferir tudo isso em nossa Revenda. Pode vir a pé. Depois de conhecer as opções de preço de cada modelo

e os nossos planos de financiamento, nós garantimos que v. não vai voltar assim.



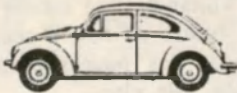
## A linha da maior facilidade de escolha.

### Linha Fusca

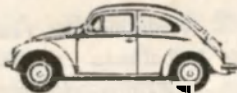
três opções de preço



VW 1300



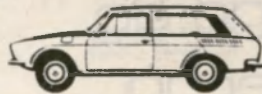
VW 1500



VW 1500

### Linha Variant

duas opções de preço



Variant



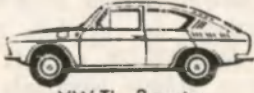
Variant

### Linha VW TL

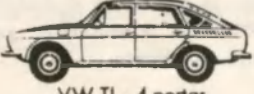
quatro opções de preço



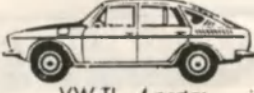
VW TL - 2 portas



VW TL - 2 portas



VW TL - 4 portas



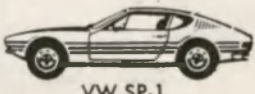
VW TL - 4 portas

### Linha VW Esportiva

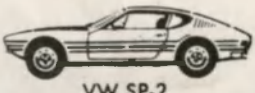
três opções de preço



Karmann Ghia TC

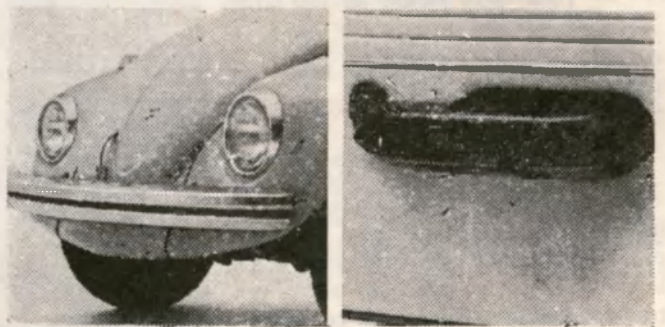
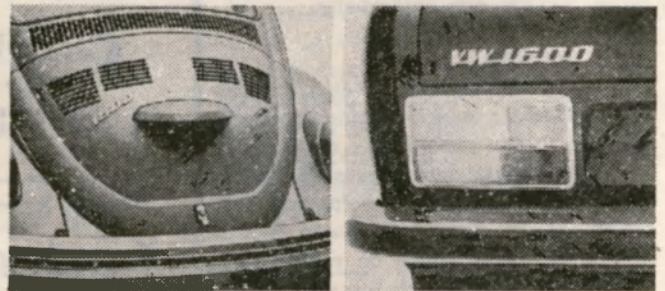


VW SP-1



VW SP-2

## A linha de maior aprimoramento.



M A R P A S S. A.

Av. Tavares de Lira, 159



REVENDEDOR  
AUTORIZADO

se tenha feito por ele. Recentemente, para que aqui pudesse entrar um navio-hospital, o governo estadual foi obrigado a arcar com os ônus dos serviços de dragagem, que caberiam ao Ministério dos Transportes. Os portos salineiros de Macau e Areia Branca, também estudados há meio século, nunca saíram dos planos. Só agora se partiu para a construção do porto-ilha de Areia Branca, mas pelas informações que me chegaram uma das firmas contratantes abandonou o trabalho, renunciando ao contrato para a execução do projeto.

## OS GRUPOS ESTRANGEIROS

A situação da indústria salineira tem interessado a Dinarte Mariz, ao longo de toda a sua vida pública. O que mais o aflige nesse setor é o fato do sal, sendo um dos produtos básicos da nossa economia, estar nas mãos de grupos estrangeiros.

Declara o senador:

— De fato, estamos apenas oferecendo as terras onde se situam as salinas aos grupos estrangeiros que exploram o nosso elemento natural e carregam os lucros para bem longe do Rio Grande do Norte.

Sobre a construção da fábrica de barrilha, ele assinala:

— Há alguns anos, tivemos a construção de uma fábrica de barrilha no Estado do Rio, preterindo-se então o Rio Grande do Norte... com condições excepcionalmente melhores. Agora, novamente, se acha autorizado um substancial financiamento para o projeto de uma nova fábrica de barrilha, desta feita em Sergipe. Sabemos que, sob todos os aspectos, o Rio Grande do Norte oferece vantagens acima de qualquer outro Estado, para um empreendimento dessa natureza, pois o que representa maior vulto nas despesas para exploração dessa indústria, a natureza nos concedeu o privilégio de ter quase que gratuitamente o sal. Enquanto um mecanismo altamente dispendioso foi utilizado no Estado do Rio para se conseguir artificialmente a evaporação das salinas — e agora vai se gastar muito mais em Sergipe para extrair do subsolo o salgema — o Rio Grande do Norte tem no seu clima todos os elementos necessários a todos os processos, segundo afirmam os técnicos mais autorizados.

## DA AGRICULTURA À IRRIGAÇÃO

Falando mais generalizadamente a respeito dos problemas econômicos nordestiograndonense, Dinarte Mariz se refere à agricultura:



## “O minério ainda é nosso”

— 1972 foi um ano desencorajador para a agricultura do Estado. A safra de algodão — nosso produto básico — foi mediocre e o agricultor, ainda por cima, foi obrigado a negociar o produto a preços aviltados, abaixo do mínimo. Temos o privilégio de produzir o melhor algodão do mundo, o Seridó, hoje ameaçado por outras variedades que começam, inclusive, a invadir as zonas destinadas ao fibra longa, tudo porque não existe comercialização rentável para este produto. Somente com o zoneamento e a assistência tecno/financeira poderemos salvar a espécie Seridó. E é desalentador para nós a ameaça que paira nesse setor da nossa economia.

Analisando o problema da irrigação, lembra o senador que há 52 anos um potiguar apresentava na Câmara Federal a questão da seca nordestina e a vantagem da irrigação dos vales. Era o ex-senador e jornalista Eloi de Souza, de quem um projeto apresentado em 1912 forçou a criação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, hoje DNOCS. Na época, já se previa a construção de barragens no alto Piranhas, na Paraíba; no Jaguaribe, Ceará; no baixo Açu e no Apodi, no Rio Grande do Norte. Paraíba e Ceará tiveram as suas barragens construídas e agora começam a se beneficiar da irrigação. O Rio Grande do Norte ainda está tendo discutida a questão das barragens.

## O MINÉRIO AINDA É NOSSO

Ao se referir aos minérios, o rosto do velho senador se ilumina, denotan-

do uma expressão de alegria e otimismo. E, antes que lhe seja perguntada a razão disso, ele aduz:

— Este é um dos raros setores da economia do Rio Grande do Norte que tem resistido aos acenos de grupos estrangeiros, embora estes sempre representem uma séria ameaça.

Na questão dos minérios, algo o preocupa:

— Não se compreende porque até hoje não foi implantada no Estado uma metalurgia de Tungstênio. Quando fui relator do II Plano Diretor da SUDENE em 1963, consegui incluir uma verba substancial, para auxiliar a instalação dessa indústria. Até hoje, essa verba nunca foi utilizada.

## O NORDESTE PRECISA MUDAR

Ao findar suas considerações, numa entrevista que se prolongou por quatro horas, mas que poderia ir muito mais longe não fossem os compromissos do eminente político, declarou Dinarte Mariz:

— É bom repetir que temo pelo futuro do meu Estado. E isto não significa que eu esteja desanimado nem que esteja arrefecido o meu espírito de luta em defesa da economia do Nordeste e do Rio Grande do Norte, em particular. Sei o quanto o Presidente Médici se interessa pelo desenvolvimento da nossa região. Ainda soa aos meus ouvidos o histórico discurso que pronunciou em Recife, depois de visitar as frentes de trabalho na grande seca de 1970, quando enfatizou: “o Nordeste precisa mudar”. E precisa mesmo! ■

# COMPANHIA AGRO-INDUSTRIAL VICENTE MARTINS

# CAVIM

Capital Social Autorizado.....Cr\$ 16.000.000,00 - Integralizado e Subscrito.....Cr\$ 4.005.489,00  
C.G.C.M.F. 08.435.877/0001 - Rua Silva Jardim,4 - 2º andar - S/101 - Ribeira - Natal(RN)

## RELATORIO DA DIRETORIA

Senhores acionistas:

Dando cumprimento aos dispositivos legais e estatutários, vimos apresentar a Vv. Ss., para seu conhecimento e aprovação, o Balanço Patrimonial, referente ao ano social encerrado em 31 de outubro de 1972, colocando-nos à inteira disposição de Vv. Ss., para prestar-lhes, sobre o assunto, quaisquer outros esclarecimentos que necessitarem.

Natal(RN), 10 de novembro de 1972.

JOSÉ FERNANDES MARTINS Diretor-Presidente	VINÍCIO GARCIA FREIRE Diretor-Vice-Presidente	LUIZ CARLOS ABBOTT GALVÃO Diretor-de-Produção	CFLSO PAIVA MARTINS Diretor-Financeiro
--	--	--	---

CÓPIA DO BALANÇO PATRIMONIAL encerrado em 31 de outubro de 1972. Transcrito das Folhas n.18 do Diário Copiador n.1. Registrado na M.M.Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Norte, sob n. 04135.

## ATIVO

IMOBILIZADO		
Edificações e Outras Obras		
Pré-Existentes.....	317.598,00	
Terras.....	3.683.391,00	
Móveis e Utensílios.....	7.814,00	
Despesas de Implantação.....	17.243,49	
Estudos, Projetos e Detalhamentos.....	50.000,00	4.076.046,49
REALIZÁVEL		
Devedores Diversos.....		10,00
DISPONÍVEL		
Caixa Geral.....	1.674,89	
Banco C/Movimento.....	142,62	1.817,51
COMPENSADO		
Ações em Caução.....		400,00
Total do Ativo.....		4.078.274,00

## PASSIVO

INEXIGÍVEL		
Capital Social.....		4.005.489,00
EXIGÍVEL		
Credores Gerais.....	7.385,00	
Duplicatas a Pagar.....	65.000,00	72.385,00
COMPENSADO		
Caução da Diretoria.....		400,00
Total do Passivo...		4.078.274,00

Reconhecemos a exatidão do presente BALANÇO na importância de Cr\$ 4.078.274,00 (quatro milhões, setenta e oito mil, duzentos e setenta e quatro cruzeiros).

Natal(RN), 31 de outubro de 1972.

JOSÉ FERNANDES MARTINS Diretor-Presidente	VINÍCIO GARCIA FREIRE Diretor-Vice-Presidente	LUIZ CARLOS ABBOTT GALVÃO Diretor-de-Produção	CELSO PAIVA MARTINS Diretor-Financeiro
--	--	--	---

JOSÉ FRED DE BULHÕES  
Contabilista - CRC 1.339/RN

## PARECER DO CONSELHO FISCAL

Os membros do Conselho Fiscal da COMPANHIA AGRO-INDUSTRIAL VICENTE MARTINS - CAVIM, examinando detidamente o Balanço Patrimonial da referida organização, em cumprimento do que lhes incumbe o item III do Art. 127 do Decreto-Lei n. 2.267, de 26 de setembro de 1940, são de parecer que todas as operações realizadas no exercício encerrado em 31 de outubro de 1972, devem ser aprovadas pelos Senhores Acionistas, em virtude de havermos constatado a mais perfeita exatidão das mesmas.

Natal(RN), 10 de novembro de 1972.

REGINALDO TEÓFILO DA SILVA EIDER FURTADO DE MENDONÇA JOSÉ RESENDE FILHO

# Investimento

O mar está  
prá peixe  
e camarão

Já não se trata de uma hipótese, mas de uma tese comprovada. A criação de peixes e camarões em viveiros é um negócio promissor, para o presente e para o futuro, e encontra áreas mais do que adequadas no Rio Grande do Norte. As experiências pioneiras do coronel Paulo Barreto e do sr. Josué Teixeira de Carvalho dão conta dos resultados positivos e, em consequência, há muita gente com justo "olho-grande" nas regiões salineiras e nas margens da zona agreste visando tal empreendimento.

Em recente viagem ao Japão, Antonio Florêncio, Arimar França e Tupan Ferreira de Souza tiveram chance de observar os mais modernos processos de criação de camarões em cativeiro e entusiasmados com o êxito da tecnologia oriental — estão preparando um documento a ser encaminhado ao governador Cortez Pereira, propondo que o Estado incentive mais esta opção industrial. Aliás, os próprios japoneses estariam dispostos a financiar projetos nesse sentido, sendo que o sr. Y. Shibata — diretor-superintendente do grupo TAÇA — confirmou a pretensão.

De outro lado, o chefe da Carteira de Crédito Rural e Industrial do Banco do Brasil, em Natal, sr. José de França, disse a RN-ECONÔMICO que aquele órgão está interessadíssimo em promover as atividades pesqueiras no Rio Grande do Norte, tanto em termos de captura no mar, quanto em termos de criação de peixes e camarões e outros crustáceos em viveiros". Indo além, explica o sr. França que "a nossa Carteira de Crédito pretende adotar uma política agressiva no setor em 1973, indo diretamente visitar as zonas da costa, os rios, os lagos e as praias onde as empresas forem cogitadas como viáveis".

## EXPERIÊNCIA

Não é de hoje que se adota — em

termos extensivos e sem quaisquer recursos técnicos — a criação de peixes em zonas de salinas e de mangues no Rio Grande do Norte. Há quem afirme que as primeiras experiências são de uns duzentos anos atrás, quando os pescadores da região de Canguaretama e Arês descobriram a possibilidade de explorar economicamente a entrada natural dos peixes naquelas "sevas de engorda". Entretanto, a utilização de um mínimo de técnica no ramo é bastante mais recente.

O sr. Josué Teixeira de Carvalho, homem que já acumulou um certo *know-how* a respeito do assunto, criador de tainha e cacetão na margem esquerda do Ceará-Mirim, já em 1969 conseguiu 500 kg de peixes por hectare. Hoje, o sr. Josué é proprietário e diretor-presidente de uma indústria de piscicultura — a Santa Mônica S/A — (SAMISA), cujo projeto de investimento total de dois milhões de cruzeiros foi aprovado pela SUDENE em 1970.



Paulo Barreto, pioneiro na criação de camarão

Outra empresa pioneira no ramo é a Nordeste de Pesca S/A (NORPESA), fundada e dirigida pelo seu proprietário — o sr. Paulo Barreto Vianna. As experiências que vieram dar na constituição da NORPESA contam já uns cinco anos, mas a aprovação do projeto na SUDENE (para investimento de 3,5 milhões) se efetivou ano passado. Relata o sr. Paulo Barreto que começou com um capital de apenas mil cruzeiros e agora — só de recursos próprios — tem 370 mil no negócio. As instalações da NORPESA, situadas entre Areia Branca e Macau, servem para captura de pescados, camarões e lagostas, sendo que pesquisas também para ostras estão sendo feitas.

## PERSPECTIVAS

O projeto da SAMISA foi elaborado por INDUPLAN — conhecido escritório de planejamento da capital, dirigido pelos economistas Jomar Alecrim e Be-



Arimar França sob o fascínio do bom negócio

nivaldo Azevedo. Há pouco tempo, o sr. Jomar Alecrim teve notícia de que a Companhia de Cigarros Souza Cruz estava com a idéia de diversificar seus investimentos e que o setor alimentício seria um dos preferidos. Então, sem maiores pretensões, o economista da INDUPLAN fez uma carta à Souza Cruz dando informações básicas sobre o projeto da Santa Mônica Industrial S/A e dizendo que a empresa potiguar tinha interesse em obter novos recursos para ampliação. Resultado: aquela Companhia enviou imediatamente um representante a Natal para visitar a SAMISA e o homem ficou impressionado com o projeto. Tanto assim, que o negócio entre as duas empresas deverá ser fechado esses dias, sendo que a Souza Cruz investirá na SAMISA cerca de 1,5 milhão de cruzeiros, através do 34/18. Assim, a SAMISA se capacita cada vez mais a superar a produção prevista em seu projeto: 52.200 kg/ano de tainha e 82.800 kg/ano de cacetão, numa área de 100 hectares com 46 viveiros criatórios e 3 abastecedores.

Enquanto isso, técnicos do Instituto de Biologia Marinha (IBM) da UFRN, chefiados pelo cientista Sebastião Monte, continuam estudando a fundo as qualidades, as espécies e as condições de vida dos peixes e crustáceos do nosso mar. E os geógrafos norte-riograndenses mantêm de pé a afirmação de que "temos algumas dezenas de milhares de hectares de terras situadas em regiões dos mangues e das salinas que, apesar de impróprias para a agricultura, são propícias para unidades criatórias de peixes em cativeiro". Para se ter maior clareza sobre as perspectivas deste ramo ajunte-se, afinal, a declaração do experiente sr. Paulo Barreto: "Temos indubitavelmente grandes áreas, grande volume de água salgada a índices de salinidade adequadas; o que nos faltam são os financiamentos mais rápidos e um pouco de *know-how*, sendo que este poderíamos conseguir de sobra com os japoneses e os americanos". ■

# VILAS RURAIS

## REFORMA AGRARIA

### PARA O BRASIL VER



Na primeira quinzena de abril o Governador Cortez Pereira estará inaugurando as primeiras cinco Vilas Rurais, das 24 que a CIMPARN está implantando nas serras do Carmo e do Mel. Elas representam o mais arrojado projeto de reforma agrária já levado a efeito no Nordeste e objetivam criar uma classe média rural, uma comunidade agrícola social e economicamente organizada, capaz de se integrar no processo de desenvolvimento do Estado.

A diretriz adotada para a construção das Vilas Rurais consiste em buscar a integração, na execução das diversas obras de infraestrutura, das agências setoriais competentes, a nível estadual e federal.

Nas primeiras cinco Vilas Rurais a serem inauguradas em abril, 320 colonos adquirirão

a posse de 50 hectares de terras, cada um, dos quais 15 serão destinados ao plantio de caju, 10 para o plantio de feijão, mamona e sorgo, e os 25 restantes para a reserva florestal. Nelas ficarão ainda cinco grupos escolares, cinco ambulatórios, dois escritórios da ANCAR, estes últimos funcionando de acordo com a CIMPARN na orientação técnica aos agricultores.

#### O colono será dono da terra

Afirma o sr. Antenor Madruga, diretor-presidente da CIMPARN, que as propriedades serão vendidas aos colonos por intermédio do PROTERRA, tendo o comprador o prazo de 12 anos para pagar. Ao se fixar na terra e receber o financiamento do Banco do Brasil para a compra, ele se torna, automaticamente, dono da terra.

E isto significa uma diferença dos programas tradicionais de reforma agrária, que só admitem a posse definitiva da terra depois de 20 anos e nunca antes desse prazo, mesmo que o colono esteja com as amortizações em dia.

#### Um projeto aperfeiçoado

Vários fatores que têm influenciado positivamente para o sucesso dos empreendimentos de colonização foram observados pela CIMPARN na implantação das Vilas Rurais. Dentre eles, o fácil acesso ao mercado, a escolha de uma cultura comercial rentável, a utilização de tecnologia adequada, um eficiente sistema de organização social, incluindo o desenvolvimento do cooperativismo, a assistência creditícia e técnica, e um



sistema de comercialização adequado. A escolha da cultura do caju adveio do fato de ter alta rentabilidade e potencialidade de mercado, adaptando-se às condições ecológicas das regiões semi áridas.

Diz ainda o sr. Antenor Madruga que a CIMPARN se compromete a entregar as glebas de 50 hectares a cada colono, já com os plantios realizados, ficando sob a responsabilidade de cada um a operação de limpeza durante o ano.

## Agricultura & Pecuária

Da constatação de que o homem só com a agricultura não teria condições de pagar a terra, a CIMPARN programou também a entrega de bovinos aos colonos, o que aumentará a sua renda, possibilitando o elastecimento dos pagamentos e garantindo o êxito do projeto. O Governo do Estado também levou água à região, através de uma adutora que estará concluída dentro de 90 dias, uma vez que a água do subsolo só pode ser conseguida, no local, a uma profundidade de 1.200 metros.

A energia elétrica também será instalada no centro das Vilas, já tendo a COSERN concluído os serviços de implantação, faltando apenas ligar a rede ao sistema.

## Mais 19 Vilas serão construídas

Inauguradas as cinco primeiras Vilas Rurais, a CIMPARN partirá para a construção de mais 19, cada uma recebendo o nome de um Estado brasileiro, numa homenagem do Rio Grande do Norte às unidades da Federação. As cinco primeiras a serem inauguradas serão denominadas: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. As demais estarão concluídas até 31 de janeiro de 1974, representando a integração de 1.157 colonos na área, e uma população de cerca de 6 mil pessoas. A estrutura geral, então, apresentará vinte e dois grupos escolares, vinte e dois



Nas Vilas Rurais, estão sendo construídas 3 casas por dia. Em maio, 320 casas estarão prontas para receber famílias de colonos.



O Banco do Brasil apoia financeiramente o projeto. Na foto, o sr. Camilo Calazans, diretor do BB, visita as Vilas Rurais, em companhia do Governador Cortez Pereira e do sr. Antenor Madruga.

ambulatórios, um ginásio polivalente, um hospital-maternidade e uma cooperativa de produção. O centro das Vilas, no mapa do Rio Grande do Norte, representará Brasília e lá ficará a cooperativa, o ginásio, o campo de pouso e uma réplica do Palácio do Governo. Será o local próprio para receber autoridades e visitantes ilustres e onde o Governo pretende se instalar vez por outra, no acompanhamento das obras.

### Uma classe média rural

A implantação das Vilas Rurais representa a tentativa do Governo de criar, na região, uma classe média rural, constituída por agricultores que, atualmente, não possuem terras. A implantação do projeto, por outro lado, vai oferecer, também, perspectivas de solução para o sério problema de desemprego na área, em decorrência da mecanização do parque salineiro do Estado. O projeto prevê a ocupação de uma área de 60 mil hectares, e nele será investido o montante de cr\$ 32.531.615,00, ao qual será acrescida a importância de Cr\$ 5.785,00 correspondente ao custeio dos trabalhos por cada colono, pois cada um receberá um financiamento de Cr\$ 5 mil, do Banco do Brasil. Esta última quantia representa uma injeção de capital na região, que ficará em rotação gerando outras formas de desenvolvimento. A área das Vilas Rurais é maior do que a de 80% dos municípios do Rio Grande do Norte e, desde agora, todo o abastecimento de gêneros alimentícios na região é feito pela COBAL, que lá montou um armazém de revenda, aos mesmos preços da COBAL de Natal. O INCRA participa também do projeto na seleção de pessoal e na avaliação das terras, com vistas ao pagamento das desapropriações e já estuda uma ajuda em termos de concordato, para fornecer veículos e máquinas. Os diretores do Instituto estão com a maior boa vontade para o êxito desse convênio, diz o sr. Antenor Madruga. O Banco

do Brasil financia em parte o projeto de implantação das Vilas Rurais, entrando com cerca de Cr\$ 30 milhões, havendo interesse absoluto tanto do presidente Nestor Jost como do sr. Camilo Calazans. A Secretaria da Agricultura está ajudando na cessão de tratores e técnicos, e a COFAN fornece sementes e ferramentas.

anos. O Brasil é hoje o seu quarto produtor, no mundo, com perspectivas de se destacar aceleradamente, a medida que racionaliza o seu cultivo e aumenta a oferta de matéria-prima no mercado. Os Estados Unidos e a Argentina são atualmente os maiores compradores do caju brasileiro. A área escolhida para a implantação do projeto



Os diretores da CIMPARN mantem o Governador Cortez Pereira sempre inteirado do andamento das obras nas Vilas Rurais.



Tratores equipados com pesadas correntes fazem o trabalho de desmatamento da extensa área, em tempo recorde.

### A rentabilidade da cultura do caju

A CIMPARN (que tem como diretor-presidente Antenor Pereira Madruga, diretor-administrativo Heriberto Escolástico Bezerra e diretor-técnico João Bosco Amorim de Carvalho) ao escolher a cultura do caju considerou que se trata de um produto cujas possibilidades de mercado vêm aumentando gradativamente nos últimos

é localizada nas Serras do Carmo e do Mel, abrangendo 60.000 hectares em terras dos municípios de Areia Branca, Carnaubais, Açú e Mossoró. Encontra-se a uma distância de 14 quilômetros da sede do município de Carnaubais e a 24 km de Mossoró, 36 km de Açú e a 250 de Natal. A proximidade da cidade de Areia Branca, onde está em construção o Porto-Ilha, representa importância estratégica já com vista ao escoamento da produção regional, por via marítima. ■

## Cinema A exibição é um negócio difícil

Muita gente sabe — ao menos de “ouvir dizer” — da crise que hoje atinge as casas de cinema. Somente no biênio 71/72 foram fechados 300 cinemas no Brasil. No Recife, ano passado, sete cinemas deixaram de funcionar. Explicação do fenômeno: — os filmes de TV e outras novidades estão esvaziando as platéias cinematográficas. E dentro da conjuntura “nada favorável”, não há exceção para Natal. Também aqui o público acha-se cada vez mais arredio. Também aqui não se abre mais casa de cinema. Também aqui os empresários da exibição da chamada sétima-arte têm muito a reclamar; tanto quanto — talvez — o respeitável público que quer saber de “poltronas estofadas, ar refrigerado e boas fitas, naturalmente”.

Sobre o assunto fala o sr. Luiz de Barros, gerente-proprietário dos cinemas Nordeste, Rcx e São Luiz, todos de Natal:

— O fato é que até cinco anos atrás o cinema era ótimo negócio; há três anos ainda era bom; mas agora já deixou de ser bom — para não dizer que está sendo ruim. A crise, aliás, me parece mundial. É resultado, principalmente, do avanço da TV. Temos notícias de casas fechando em todo lugar. Em São Paulo, no Rio, em Belo-Horizonte, no Recife. Nossa empresa, a Cinemas Reunidos Ltda., registrou um decréscimo de rendas de 25% em 1972, apesar de os ingressos terem sido majorados em cerca de 20%.

### OS RISCOS DO NEGÓCIO

Para o advogado José Cerqueira Carvalho Neto, contador da Empresa Rio Grande Ltda. — firma que administra os cines Rio Grande e Panorama — o balanço da situação revela o seguinte:

— As casa exibidoras ainda constituem um negócio; mas com grandes riscos. De modo geral, só servem para quem lida também em outros ramos. Os problemas? — Existe carência de bons filmes. Falta um público mais esclare-

cido. Depois a TV, o esporte, os festivais disto e daquilo, estão esvaziando os nossos cinemas. Durante o Campeonato Nacional, por exemplo, tivemos salas vazias o tempo todo.

A realidade está aí. Tanto o sr. Luiz de Barros quanto o sr. Cerqueira anunciam os mesmos pontos-essenciais: ausência de espectadores e perspectiva desvantajosa para o negócio.



Luiz de Barros:  
"Há 5 anos, o cinema  
era um ótimo negócio."

O record de rendas no cine Nordeste continua sendo, até hoje, o de uma fita exibida há quatro anos: “A Compadecida”. De lá para cá os ingressos subiram de Cr\$ 2,00 para Cr\$ 4,00 naquele cinema. Nem por isso o record foi superado. Quer dizer: o problema mesmo é o sumiço de público. O São Luiz não lota há mais de três anos. O cine Rio Grande, que possui 1.529 lugares, ultimamente só teve casa cheia com “Romeu e Julieta” e com “Love Story”. O filme “Jesuino Brillante”, feito aqui no Estado, mostrando um episódio norte-riograndense e toda a beleza da região do Açú, não conseguiu mais que 2.953 espectadores — isto nas quatro sessões de sua pós-estréia, num dia de sábado. “Pode parecer bom público — diz um funcionário do Rio Grande —, mas se voce faz as contas direito, contando o número de poltonas do Rio Grande e tal, voce vai ver que não houve nada de mais; tanto assim que nenhuma das quatro sessões deu lotação completa”.

### MELHORAR É DIFÍCIL

Os cinemas da Capital mantêm “quase apenas por tradição” as suas sessões da tarde, aos fins-de-semana. Conforme explica o sr. Luiz de Barros:

— A rentabilidade às tardes é quase nula. Não raro, anota-se prejuízo. Depois, uma média de 80% de nosso público constitui-se de estudantes; então a maioria paga meio-ingresso. Devido a esses fatores, não temos condições de melhorar os prédios, as instalações, etc. O nosso cine Nordeste, que é o único em Natal a possuir aparelho de ar refrigerado, só o mantém porque faz parte de uma rede. Se não fôsse a compensação das outras casas, o Nordeste não aguentaria. Por conta do ar refrigerado do Nordeste, pagamos mais-ou-menos Cr\$ 3.000,00 mensais de energia. Isto significa uma despesa três vezes superior a dos outros cinemas da rede da companhia.

O cine Rio Grande conserva ainda suas quatro sessões dominicais. Entretanto, há dois anos tentou fazer sessões contínuas, aos sábados, mas acabou desistindo. De outro lado, as matinais também redundaram no fracasso. Estas apresentavam espetáculos para crianças, que enchiam os cinemas de alegria e algazarra. Mas tudo acabou. Os Cinemas Reunidos Ltda. — CIREDA — arquivaram definitivamente a idéia em 72 “porque as crianças desapareceram” — lamenta o sr. Barros. E o Rio Grande, se ainda leva a sessão de arte às manhãs de domingo, o faz “principalmente por colaboração com o pessoal do Ciné Clube Tirol; não por lucro” — argumenta o sr. Cerqueira.

### INC: NENHUM INCENTIVO

O Decreto-lei n.º 43/1966 do Instituto Nacional do Cinema — INC — obrigou a todas as companhias exibidoras a apresentarem “pelo menos 21 dias de fitas nacionais em cada período de três meses”.

Para o sr. Luiz de Barros “a CIREDA não vê nisso maior problema, porque afinal já dispomos de bons filmes brasileiros; e a medida exige apenas uma média de sete dias por mês”.

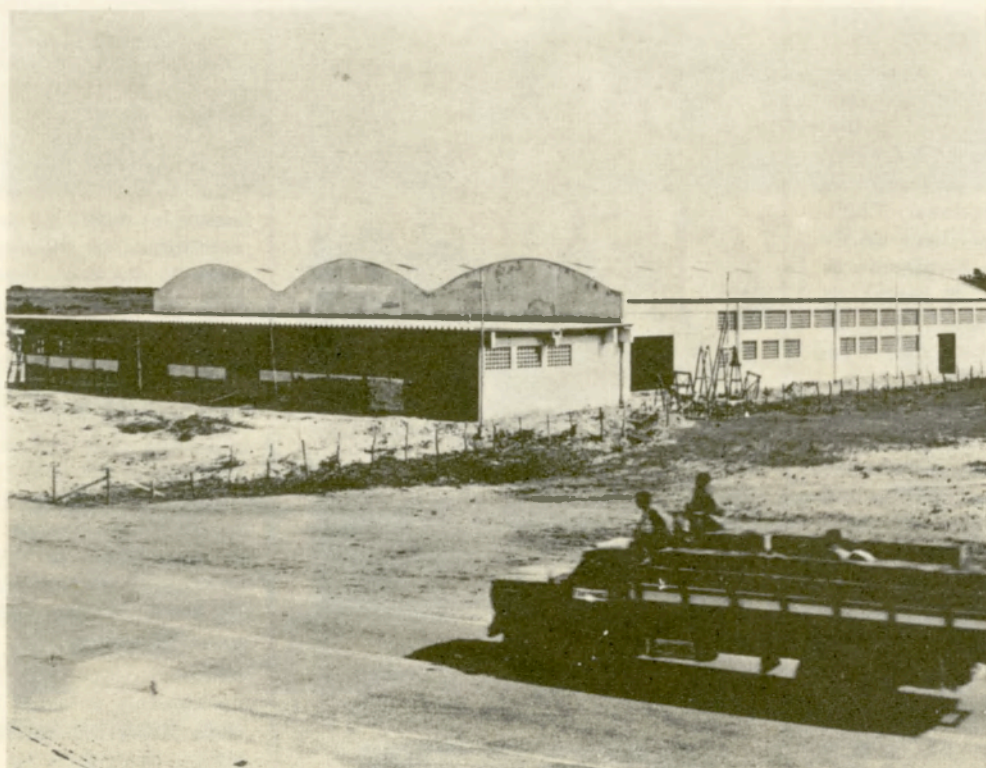
Mas o sr. José Cerqueira analisa a questão de modo um tanto diverso:

— Esta obrigatoriedade do Decreto às vezes causa problema, sim... Nem sempre o público compreende bem o nosso Cinema Novo. Outras vezes os filmes são realmente ruins e as empresas, assim mesmo, não podem deixar de exibí-los. Então o risco de prejuízo torna-se iminente.

E o INC “não ofereceu qualquer incentivo, nenhum amparo, ao exibidor; os incentivos concedidos são para os produtores, ou seja, para a indústria do cinema” — finaliza o sr. Luiz de Barros.

# INCARTO

Depois, o capital brasileiro (grupo  
construirão ao seu redor o maior co



- Surgirão,
- 1) a INDÚ
- 2) a INDÚ
- 3) a DUQU
- Essas fáb
- 13 milhõe
- 3,3 milhõ
- quadrados
- Sozinho,
- Por isso,
- Você verá

A INCARTON é uma fábrica de embalagens industriais/artísticas  
que recebeu inversões da ordem de Cr\$ 6 milhões. Ela vai  
proporcionar 70 empregos diretos. O seu funcionamento  
ocorrerá ainda este semestre.

Suas modernas máquinas importadas da Alemanha Ocidental  
e da Suíça já estão em fase de montagem.

INCARTON-INDÚSTRIA  
MUNICÍPIO DE SÃO C

# N é só o começo!

o UEB) aliado ao japonês (grupo ATAKA)  
Complexo industrial do Rio G. do Norte

brevemente, ao lado da INCARTON:

RIA TÊXTIL SERIDÓ (inversões de 156,7 milhões de cruzeiros);

RIA DE CONFECÇÕES SPARTA NORDESTE (inversões de 46,5 milhões de cruzeiros);

SA - INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES (inversões de 46,6 milhões de cruzeiros).

icas vão produzir por ano: 900 toneladas de fios finos;

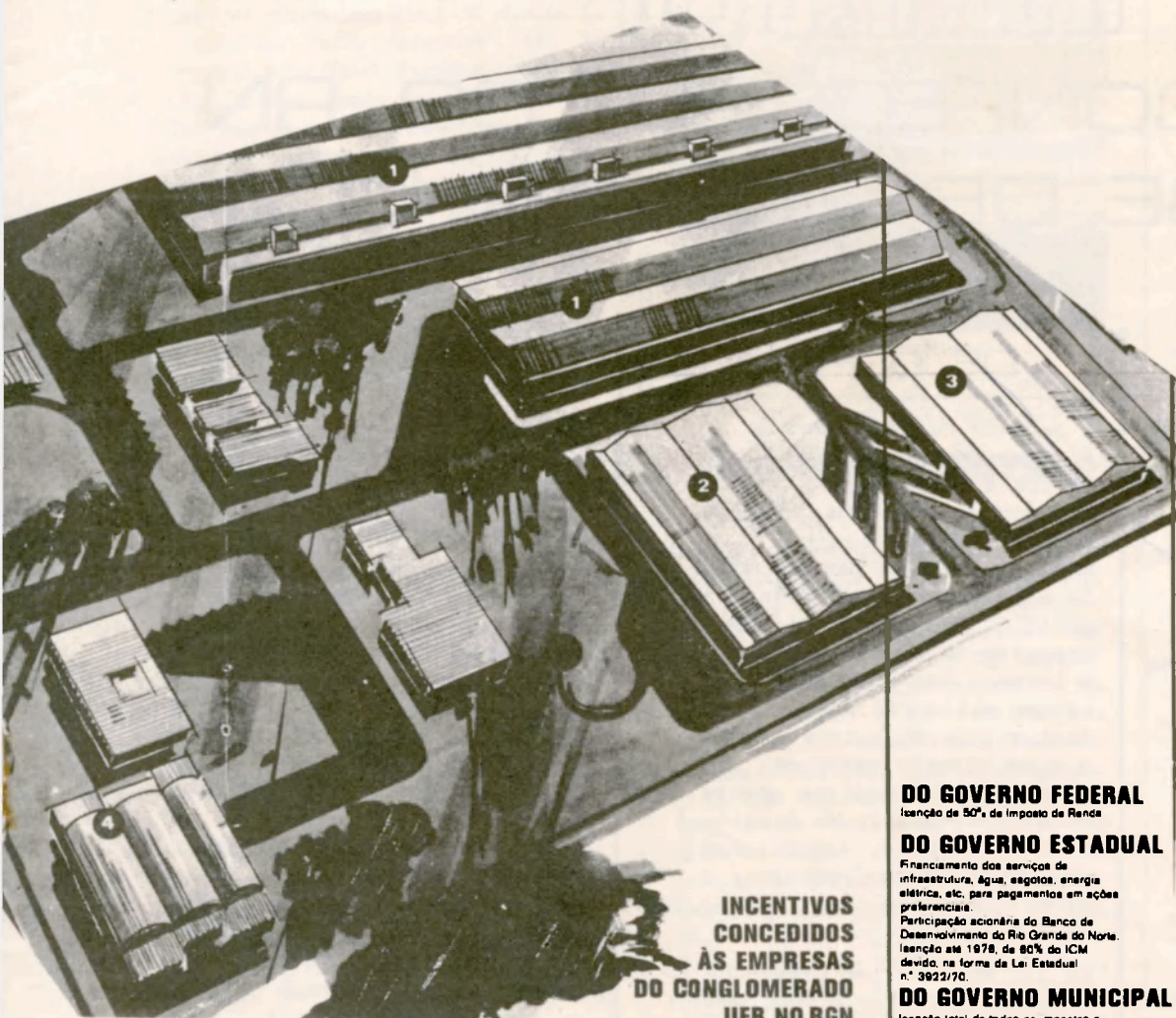
de metros de tecidos; 4 milhões de unidades de confecções femininas;

s de unidades de confecções masculinas; 5 milhões de metros

de embalagens artísticas.

esse grupo exportará mais do que todas as indústrias do RN juntas.

afirmamos que a INCARTON é só o começo.



**INCENTIVOS  
CONCEDIDOS  
ÀS EMPRESAS  
DO CONGLOMERADO  
UEB NO RGN**

#### **DO GOVERNO FEDERAL**

Isenção de 50% de Imposto de Renda

#### **DO GOVERNO ESTADUAL**

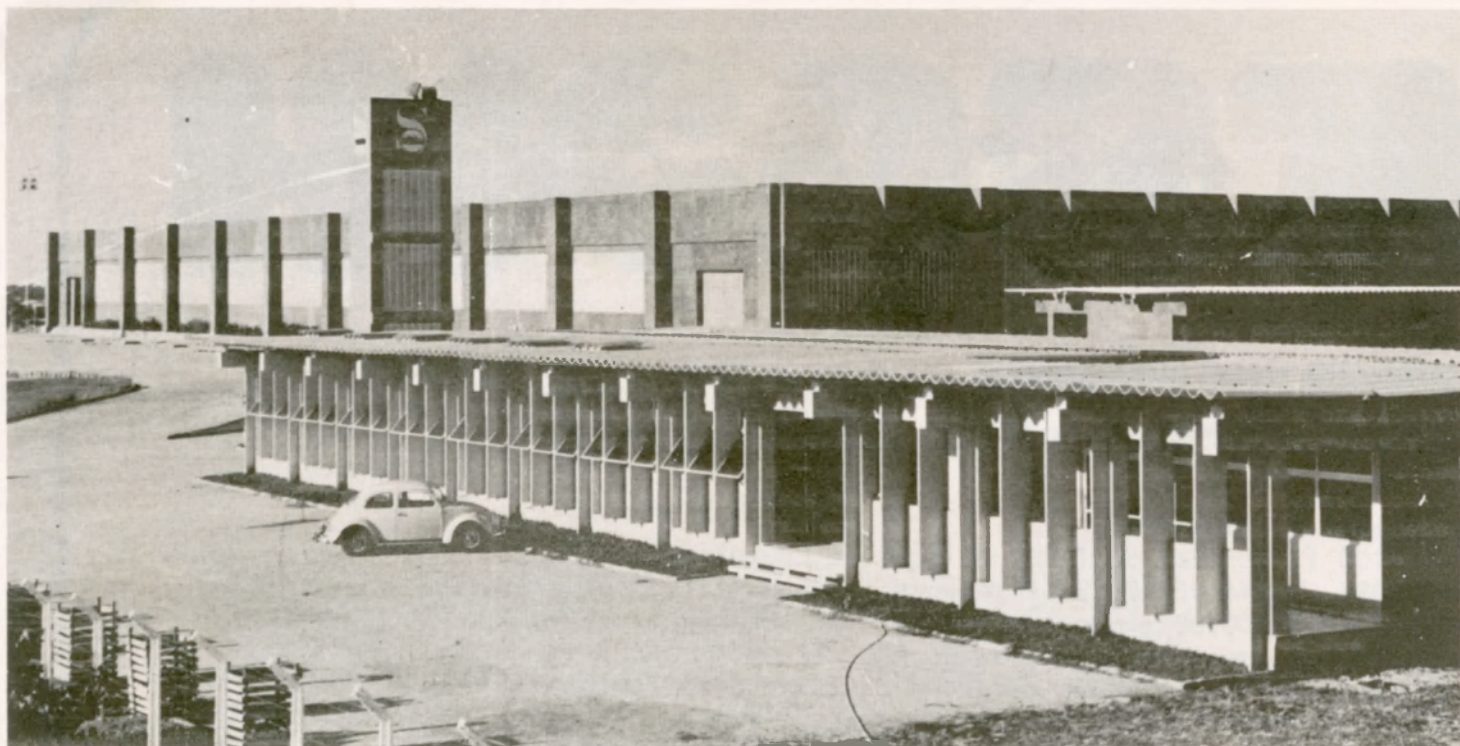
Financiamento dos serviços de infraestrutura, água, esgotos, energia elétrica, etc., para pagamentos em ações preferenciais.

Participação acionária do Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Isenção até 1978, de 80% do ICM devido, na forma da Lei Estadual n.º 3922/70.

#### **DO GOVERNO MUNICIPAL**

Isenção total de todos os impostos e

**RIA DE CARTONAGEM SA.**  
**GONÇALO DO AMARANTE - RN**



# SORIEDEM

## ÚNICA CONFECÇÃO DO RN NO CLUBE DE MODA RHODIA

*O dinamismo industrial e comercial da RHODIA INDÚSTRIAS QUÍMICAS E TÊXTEIS S/A (capital de Cr\$ 500 milhões e patrimônio líquido de Cr\$ 621,5 milhões) está criando um poderoso campo de defesa contra a invasão do mercado brasileiro pelas etiquetas de origem estrangeira. Para isto, a RHODIA lançou, exatamente em Natal — por ocasião do I Encontro Nacional de Líderes da Indústria Têxtil, em janeiro último — o CLUBE DE MODA, congregando as mais destacadas indústrias de confecções do país que, agora, se unirão em torno de uma etiqueta de alta qualidade. O assunto tem particular interesse para a economia do Rio Grande do Norte porque uma indústria local, as CONFECÇÕES SORIEDEM S/A, ingressou confiante nesse Clube e passará a destinar a ele nada menos de 30 por cento de sua produção de calças e camisas, que vão receber a etiqueta CREAÇÃO PERSONA.*

### UMA POSIÇÃO DE DEFESA

*O gerente de marketing da Divisão Têxtil da RHODIA, sr. Carlos B. Cavalcanti, explica o valor da etiqueta CREAÇÃO PERSONA e justifica a implantação do Clube de Moda: "A etiqueta de qualidade CREAÇÃO PERSONA é a primeira resposta de nível internacional à invasão das etiquetas de origem estrangeira — costureiros de outros países que se transformaram em indústrias vendedoras apenas de etiquetas, dentro do Brasil. A partir de agora, vamos lutar por um objetivo: preservar o produto nacional e a criação da moda no Brasil."*

*Os 150 empresários presentes ao I ENLIT assumiram o compromisso de fazer frente a tal invasão. Segundo o sr. Cavalcanti, enquanto muitas etiquetas trazem apenas um nome e uma modelagem estrangeira, a CREAÇÃO PERSONA*

*vai representar a nata do know how da moda e da indústria têxtil do país, composta por experts ligados à mais tradicional empresa produtora de fios e fibras sintéticas, líder absoluta do mercado há mais de 50 anos.*

*"A RHODIA está convencida — prosseguiu o sr. Cavalcanti — de que chegou o momento de dar à mulher e ao homem brasileiros uma moda pronta-para-vestir (pret-à-porter) adequada a nós, porém de nível internacional. CREAÇÃO PERSONA é a etiqueta que vai reunir empresas de gabarito, os expoentes da indústria têxtil que, sem perder um mínimo de sua personalidade criativa, estarão levando ao consumidor uma imagem unificada de garantia e qualidade."*

*Na opinião do sr. Cavalcanti, o que o Brasil paga pelo uso de nomes estrangeiros é muito, em vista do pouco que recebe em orientação e know how. Ao*

contrário das etiquetas importadas, *CRÉATION PERSONA* será um prêmio para as empresas que fazem suas próprias criações de alto nível, com base na personalidade do consumidor.

"Em razão da necessidade industrial de se programar o consumo, esta nova etiqueta vai beneficiar o consumidor que quer trocar ou ter uma roupa nova a qualquer hora. Para tanto, estaremos seguindo a determinação das tendências detectadas através de intensas pesquisas periodicamente realizadas em nosso meio", esclarece o sr. Cavalcanti.

## O VALOR DE UMA ETIQUETA

Para se chegar ao estágio de expansão permanente e cumulativa do mercado, através do fornecimento contínuo e renovado de estímulos para o consumo, o primeiro passo será a união de várias empresas do setor em torno de uma etiqueta de prestígio, capaz de levar ao consumidor a imagem de garantia e qualidade.

Ainda na opinião do gerente de marketing da Divisão Têxtil da RHODIA, torna-se indispensável que a etiqueta seja de propriedade de uma empresa de grande porte, com capacidade para liderar e sustentar sua imagem, livrando-a dos eventuais problemas como os oportunismos tentadores das liquidações, baixa de preços e até ofertas do dia. Com base na experiência de alguns programas promocionais, a RHODIA criou e estruturou o CLUBE DE MODA RHODIA, ao qual caberá a promoção e proteção permanente do prestígio da etiqueta que ostentará o nome de *CRÉATION PERSONA*.

## IMPORTÂNCIA DO CLUBE DE MODA

Caberá a um júri de alto nível a seleção de artigos para essa etiqueta, o qual será formado pelos nomes mais expressivos da moda nacional e internacional. Já no próximo verão (1973/1974) o consumidor brasileiro comprovará o seu valor, uma vez que a encontrará em lingerie, prêt-à-porter feminino,



O sr. Carlos B. Cavalcanti lançou a etiqueta *CRÉATION PERSONA* em Natal.

malharia, camisas sociais e esporte, calças masculinas e também na moda jovem e infantil.

Afirmam os dirigentes da RHODIA que, com a formação do CLUBE DE MODA, a moda brasileira entra "na era da programação". É o consumo programado, reunindo fiações, tecelagens, confecções e varejistas, para conseguir uma expansão permanente e cumulativa do mercado. O sistema, que surgiu na Europa, espalhou-se por quase todo o mundo.

Assim, as criações (cores e padrões) e a fabricação (fiações, tecelagens, confecções) serão programadas com antecedência para que se possa informar ao consumidor o que está e estará na moda.

O CLUBE DE MODA visa também motivar a indústria a se renovar, acompanhando e interpretando o que de mais moderno existe na moda do vestuário na Europa e nos Estados Unidos, a fim de melhor

atender o consumidor. Os clientes diretos e indiretos da empresa, ficarão a par das tendências da moda nacional e internacional, orientando-se assim o varejo, com grande antecedência sobre a moda a ser consumida. Eles receberão publicações especializadas sobre as tendências a serem apresentadas ao público. Inicialmente, será lançada uma revista com tiragem superior a um milhão de exemplares, segundo anunciou o sr. Mauro Salles, diretor da MAURO SALLES INTERAMERICANA DE PUBLICIDADE, na palestra que proferiu durante o I ENLIT. Essas publicações, conjugadas com as campanhas de publicidade e promoção, vão manter e garantir o sucesso, criando novos estímulos por meio do consumo programado.



O sr. Pièrre Morisot, gerente-geral-comercial da RHODIA, visitou a SORIEDEM e levou uma excelente imagem da empresa.



150 representantes das maiores indústrias têxteis do Brasil estiveram reunidos em Natal no I ENLIT.

# ATAKA-UEB

## Algo mais que o complexo de São Gonçalo

Quando aqueles sorridentes e curiosos japoneses perguntaram aos porteiros do nosso Hotel da Praia do Meio qual o sentido do nome "Reis Magos", ninguém soube explicar. Entretanto, numerosas foram as detalhadas explicações que lhes chegaram quando, mais tarde, o assunto passou a ser "os caminhos ou oportunidades para seus investimentos". No Rio Grande do Norte, eles foram conquistados para fiação e tecelagem, para confecções, e deixaram aqui negócios adiantados para a criação de camarões e peixes em viveiros.

Os citados japoneses são os homens fortes do grupo ATAKA, que estiveram em Natal na segunda-quinzena de fevereiro, visitando empresas, entabulando não se sabe quantos contatos, e afinal concedendo entrevista coletiva à imprensa — ocasião em que falaram de sua trading company e de seus planos.

A ATAKA & Co. Ltd. coloca-se em oitavo lugar entre as maiores companhias de comércio do Japão, tendo escritórios centrais em Osaka e Tokio e 73 filiais em todo mundo, através das quais compra e vende desde navios até talharim. "Só não negociamos as águas do mar, que isso é impossível" — disse o diretor-superintendente do grupo, sr. Y. Shibata. Além do comércio, a ATAKA liga-se à faixa industrial tendo experiência no setor têxtil e de confecções — por exemplo — na África do Sul e no Canadá. Trazendo, pois, algum capital e o know-how internacional foi que o grupo se associou recentemente à União de Empresas Brasileiras (UEB), participando da Indústria Têxtil Seridó S/A, dentro do complexo fabril que está sendo erguido em São Gonçalo do Amarante (RN).

### O PODEROSO ALIADO

Uma coisa parece certa: ao associar-se aos japoneses, a UEB ganhou um aliado poderosíssimo, com livre trânsito nos principais mercados exteriores e que tudo possui para garantir o sucesso de seus empreendimentos em nosso Estado. O faturamento da ATAKA em 1972 foi de quatro bilhões de dólares, quase equivalente — portando — ao valor das exportações brasileiras no pe-

riodo. Apesar disso, o investimento direto do grupo na Indústria Têxtil Seridó não foi dos maiores: os japoneses aplicarão apenas 49% de Cr\$ 13,8 milhões (parte do capital social), enquanto que o projeto prevê investimento globais de 170,8 milhões. O restante virá por conta de financiamentos do FUNTEXTIL, do BDRN (12 milhões), da SUDENE (75 milhões de recursos do 34/18), da própria UEB (51% dos 13,8 milhões) e de outros bancos oficiais que financiarão a compra de 70 milhões de cruzeiros de máquinas na Alemanha, Inglaterra, Suíça e Japão.

Toda a infra-estrutura de água e energia reclamada pela futura indústria será montada pelo Governo do Estado: a CASOL perfurará sete poços tubulares e a COSERN ampliará a sub-estação de Natal para garantir o consumo de mais de 3,3 milhões de kWh/mês.

Sustentada então por esse apoio e contando ainda com a assistência técnica permanente de vinte engenheiros japoneses, a Têxtil Seridó será pioneira no Rio Grande do Norte em matéria de produção de tecidos finos (popeline, tricoline e tropical de algodão e poliéster), além de se impor como a maior indústria do ramo no Nordeste. O projeto da empresa exige dois anos e meio para implantação, segundo estudos da Consultoria Industrial e Planejamento (INDUPLAN). O economista Benivaldo Azevedo, diretor desta Consultoria, fornece a RN-ECONÔMICO alguns aspectos do projeto:

— trata-se de um projeto integrado para fiação, tecelagem e estamparia;

— serão gerados 602 empregos, incluindo o pessoal técnico;

— o consumo de matéria prima será na base de 1.773.000 kg/ano de algodão seridó, fibra 36/38 mm, tipos 3 e 4 — o que corresponde a 1/3 da produção total da fibra no Estado;

— a produção inicial da indústria será de 900 toneladas de fios finos e 12.900.000 metros de tecidos;

— a metade da produção será destinada ao mercado externo, calculando-se um faturamento de 8 milhões de dólares de exportação (valor que por si só supera o total das exportações do RN em 1972).

### COMPLEXO DE SÃO GONÇALO

Outras três unidades — afora a Indústria Têxtil Seridó S/A — compõem o complexo da UEB em São Gonçalo do Amarante: Indústria de Confecções Duquesa S/A, Indústria de Confecções Sparta-Nordeste S/A e Incarton-Indústria de Cartonagem S/A. O grupo ATAKA participará também da Confecções Duquesa, entrando com uma parcela do investimento total de Cr\$ 46.660.000,00.

Eis a situação dos projetos destas unidades, conforme informações do sr. Benivaldo Azevedo:

DUQUESA S/A — o projeto encontra-se na SUDENE, aguardando aprovação para março ou abril. O investimento

de 46,66 milhões deverá contar com os seguintes financiamentos: Cr\$ 10 milhões do BNDE e BNB, Cr\$ 27.495.457,00 do 34/18 e Cr\$ 9.165.153,00 de recursos próprios da associação UEB-ATAKA — garantindo o BDRN parte destes recursos. Implantação em dois anos e criação de 916 empregos. Programa de produção: saias e casacos de couro (para exportação e calças e blusas esportivas (para o mercado interno).

SPARTA-NORDESTE S/A — projeto aprovado em novembro passado na SUDENE. Investimento total de Cr\$ 46.025.000,00, com financiamentos nas seguintes fontes: Cr\$ 34.894.000,00 do 34/18 e Cr\$ 11.131.000,00 de recursos próprios e BDRN. Implantação em dois anos e criação de 1.110 empregos. Programa de produção: camisas sociais e esportivas, calças esportivas e ternos. Mercado interno e externo.

INCARTON S/A — projeto em execução e funcionamento da indústria já previsto para maio próximo. Investimento de Cr\$ 6.000.000,00, sendo um milhão financiado por terceiros, Cr\$ 3.750.000,00 do 34/18 e Cr\$ 1.250.000,00 de recursos próprios. Criação de 70 empregos. Produção: caixas artísticas para embalagens.

### CAMARÕES, POR EXEMPLO

Mas voltando aos japoneses, vale ressaltar o interesse manifesto do grupo ATAKA em ligar-se a outros negócios no Rio Grande do Norte. A missão que aqui esteve em fins de fevereiro encontrou-se também com os srs. Garibaldi e Edson Medeiros, diretores das Confecções Soriedem, e esteve vindo de perto a qualidade do algodão fibra-longa nas usinas da Nóbrega & Dantas. Naturalmente, por trás de cada um destes contatos há uma entabulação em perspectiva. Aliás, o sr. Y. Shibata foi claro: "Estamos chegando de uma viagem a América Latina, onde examinamos as condições do México, Argentina e Peru, e podemos dizer que o Brasil, para nós, apresenta-se como o melhor lugar no momento, dada sua estabilidade política e seu crescimento econômico: por isso estamos dispostos a fazer aqui inversões imediatas, em particular no setor têxtil". E arrematou: "Assim, o Rio Grande do Norte surge como um dos lugares de nossa preferência, em virtude de sua produção algodoeira conhecida internacionalmente".

De outra parte, como nem só de algodão, de indústria têxtil e/ou de confecções vive o grupo ATAKA, o diretor-superintendente Y. Shibata abriu hipótese para investimentos em outros setores:

— Sim, estamos estudando a viabilidade da criação de camarões e peixes em viveiros. Palestras sobre o assunto com o sr. Arimar França, presidente do BDRN, e com o deputado Antônio Florêncio. Também cogitamos da produção industrializada do atum, mas quanto a isto temos dúvidas sobre se a empresa ficaria melhor situada na Paraíba, no Ceará, ou aqui no Rio Grande do Norte. Vamos ver. ■



# DASAFIO

## A VENCER

Em 1980, o efetivo demográfico do Nordeste será de 38 milhões, para uma área de 1,6 milhão de quilômetros quadrados. Hoje, com 27 milhões de habitantes, calcula-se, sem grande margem de erro, que o desemprego ou subemprego na região é superior a 4 milhões de pessoas. Dar emprego a essa população crescente é o primeiro desafio do Nordeste.

O assunto, tendo em vista a sua importância, está na agenda de vários órgãos e entidades que atuam na região. O Banco do Nordeste, por exemplo, tem previsões otimistas para a década atual, com base na capacidade de absorção dos setores secundário e terciário.

Olhando o papel da indústria na estratégia do desenvolvimento regional, mas de preferência na parte que diz respeito a sua força criadora de novas oportunidades de emprego, somos levados a considerações menos otimistas. No começo, há pouco mais de dez anos, os estudos técnicos indicavam que a indústria seria capaz de absorver todo o excedente de mão-de-obra. Entretanto, com a experiência adquirida, perdeu-se essa ilusão. Os investimentos — como o sistema respeita a iniciativa privada — foram principalmente destinados às indústrias produtoras de bens intermediários, que exigem alto grau de capitalização e empregam pouca mão-de-obra. Uma grande parte das indústrias de bens de consumo apresentou projetos de modernização ou de alta tecnologia, limitando as oportunidades de emprego, ou exigindo mão-de-obra especializada que, na maioria dos casos, tem de vir do Sul. As pequenas e médias indústrias não foram tão favorecidas quanto as de grande porte. Não têm as mesmas facilidades concedidas às grandes empresas para obter recursos de incentivos fiscais. Também concordamos com aqueles que acham que uma parte da ajuda desviada para este tipo de empreendimento teria tido por efeito um aceleração na oferta de empregos.

O crescimento demográfico nesta região é problema da mais alta relevância, por se constituir um dos mais sérios elementos de pressão social.



**PÁGINA  
DO EDITOR**

*Manoel Fernandes*

# algodão



## O fibra curta é quem manda no mercado

Mais uma vez o comércio do algodão se mostra mais favorável para o fibra curta, o algodão de qualidade inferior. Mesmo sendo o fibra longa o mais valorizado e mesmo sendo o Rio Grande do Norte um dos Estados de solo mais favorável ao cultivo deste produto, configura-se como mais rentável a produção do algodão mata pela facilidade de comercialização e pelos menores custos da sua cultura.

O sr. Francisco Seráfico Dantas, um dos mais destacados compradores/beneficiadores de algodão no Estado, declara:

— Para o Rio Grande do Norte, atualmente, a variedade mais rentável é o fibra curta, embora o seu cultivo seja limitado a áreas já demarcadas pelo Governo Estadual e apesar do algodoeiro fibra curta não produzir bem nas terras secas do Seridó e do alto sertão.

### QUESTÃO DE ESTRUTURA

O paradoxo aparente da sua afirmativa ele justifica quando começa a falar de sua empresa, a Nóbrega & Dantas Indústria e Comércio:

— Temos quatro usinas de beneficiamento de algodão, com quatro fábricas de óleo anexas, localizadas em Acari, Santa Cruz, João Câmara e Macaíba. As duas primeiras dessa ordem foram também as primeiras que implantamos, há muitos anos. Naquela época, só comprávamos o algodão de fibra longa. Não havia nenhuma dificuldade na colocação da pluma porque o poliéster e outras fibras sintéticas não se faziam ainda presentes no setor da fiação. As dificulda-

des para a fibra longa se fizeram sentir de maneira arrasadora tão logo os sintéticos se impuseram como fortes concorrentes da fibra natural. Basta dizer que há cerca de oito anos os tecidos finos eram fabricados à base de 100% de algodão de fibra longa. Hoje, têm 66% de fios sintéticos e apenas 34% fios finos de algodão.



Seráfico Dantas:

*"Nossa firma compra 50% do algodão fibra curta do RN."*

Diante dessa nova estrutura da indústria têxtil, explica o sr. Francisco Seráfico Dantas, a sua firma teve de mudar. Diz ele:

— Sentindo a dificuldade na comercialização do algodão fibra longa, resolvemos instalar usinas também nas zonas

produtoras de fibra curta. Assim, colocamos máquinas em João Câmara e Macaíba. Hoje, a nossa firma compra quase que 50% do algodão fibra curta produzido no Rio Grande do Norte.

Mesmo assim, diz ele, a proporção de pluma do Algodão Seridó, no Rio Grande do Norte, é em média de 30%, enquanto a do algodão tipo Mata fica em 28%. Mas a introdução de sementes selecionadas em outras regiões do país poderá acentuar brevemente a percentagem do algodão de fibra 28 a 32 mm. que aumentará de produção. Essa melhoria irá se refletir no preço do algodão em caroço, havendo mesmo a possibilidade, em futuro próximo, de se adquirir o quilo do algodão Mata por preço muito aproximado do de fibra 34-36 mm.

### UM CÍRCULO VICIOSO

Qualquer consideração sobre a coticultura nordestina cai sempre no círculo vicioso das comparações de safras, perspectivas dependendo de chuvas, adoção de métodos modernos de plantio para superar o empobrecimento do solo, e a conseqüente queda de produção por hectare. Tudo aliado à expectativa dos novos preços mínimos determinados pelo Governo Federal.

Mas, considerando-se que se trata da principal cultura regional, o assunto sempre será abordado, mesmo porque periodicamente, novas medidas estão sendo tomadas em torno do problema.

Com relação aos preços: sabe-se que de agosto de 1970 a janeiro de 1972 o preço do algodão elevou-se em mais de 40% no mercado internacional. A partir

de janeiro de 72 começou a baixar e assim permaneceu até setembro, quando tornou-se inferior cerca de 22% com relação ao começo do ano. A partir de setembro, no entanto, houve nova reação e o preço recuperou aproximadamente 12%, diminuindo a perda de 22 para 10%.

Um estudo publicado no *Correio Agro-Pecuário*, da 2ª. quinzena de dezembro/72, lembra que os preços do algodão brasileiro guardaram estreita relação com o índice internacional. O algodão tipo-5 (fibra curta, cultivado na região Centro-Sul do País) chegou a atingir na Bolsa de Mercadorias de São Paulo Cr\$ 62,00/15 quilos. Baixou para Cr\$ 46,00 em setembro e conseguiu encetar outra alta, atingindo Cr\$ 57,00 em fins de 1972.

Os novos preços mínimos fixados pelo Governo Federal, através do Ministério da Agricultura, são vistos pelo sr. Francisco Seráfico Dantas:

— Ahamos que os preços para a próxima safra devam ser um pouco melhores, para compensar o sacrifício dos produtores, sempre os mais prejudicados. Entretanto, justificamos a atitude do Governo em não garantir preços acima da paridade internacional porque isto forçaria a formação de grandes estoques em poder da CFP (Comissão de Financiamento da Produção), o que seria, no final de contas, um grande mal para todos os interessados.

#### OS PREÇO MÍNIMOS

A tabela completa dos preços mínimos do algodão para as regiões Norte e Nordeste, para a safra de 1973 (que começa em junho) fibras 32-34/15 quilos são os seguintes:

Estado da Bahia: zona 1, em caroço, Cr\$ 16,50; em pluma, Cr\$ 48,45; zona 2 — Cr\$ 16,35 e Cr\$ 53,65; Zona 3 — Cr\$ 15,00 e Cr\$ 51,30; zona 4 — Cr\$ 16,05 e Cr\$ 47,10.

Estado de Sergipe: Zona única — em caroço, Cr\$ 16,50 e em pluma — Cr\$ 53,25.

Estado de Alagoas: Zona única — em caroço, Cr\$ 16,50 e em pluma Cr\$ 53,25.

Estado de Pernambuco: Zona 1 — Em caroço, Cr\$ 16,50 e em pluma Cr\$ 53,25; Zona 2 — Cr\$ 16,35 e Cr\$ 52,65.

Estado da Paraíba: Zona 1 — Em caroço Cr\$ 16,35 e em pluma, Cr\$ 52,65; Zona 2 — Cr\$ 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 3 — 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 4 — Cr\$ 16,20 e Cr\$ 52,20.

Estado do Rio Grande do Norte — Zona 1 — Em caroço Cr\$ 16,45 e em pluma Cr\$ 52,65; zona 2 — Cr\$ 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 3 — Cr\$ 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 4 — Cr\$ 16,20 e Cr\$ 52,20.

Estado do Ceará — Zona 1 — Em caroço, Cr\$ 16,35 e em pluma Cr\$ 52,65; Zona 2 — Cr\$ 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 3 — Cr\$ 16,50 e Cr\$ 53,25; Zona 4 — Cr\$ 16,20 e Cr\$ 52,20.

Estado do Piauí — Zona 1 — Em

caroço, Cr\$ 16,20 e em pluma, Cr\$ 52,20; Zona 2 — Cr\$ 15,60 e Cr\$ 50,25.

Estado do Maranhão: Zona 1 — em caroço Cr\$ 16,20 e em pluma Cr\$ 50,20; Zona 2 — Cr\$ 15,60 e Cr\$ 50,25; Zona 3 — Cr\$ 15,15 e Cr\$ 48,90.

Estado do Pará: — Zona única — Em caroço, Cr\$ 13,95 e em pluma Cr\$ 45,00. •

Estado do Amapá: Em caroço, Cr\$ 13,95 e em pluma Cr\$ 45,00 — preços que também prevalecem para o Território de Roraima, Estados do Amazonas e do Acre.

#### A PROBLEMATICA NO RN

Tecendo considerações sobre a produção algodoeira do Rio Grande do Norte, o sr. Francisco Seráfico Dantas referiu-se às últimas safras. Segundo ele, a de 1972 foi menor que a de 1971 em produção por área. Mesmo assim, a área plantada agora foi bem maior que a de 1971, pelo que se espera que no câmputo geral teremos um volume físico idêntico ao do ano anterior.

A comercialização se tem feito com certa dificuldade para as fibras longas e extra-longas. Mas as medidas adotadas pelo Governo, através da Comissão de Financiamento da Produção, deram condições aos maquinistas de superar essas dificuldades. Diz ele:

— Com referência às fibras curtas não houve nenhuma dificuldade na comercialização. Toda produção foi ou está sendo negociada a preços razoáveis e com prazos de embarque nunca além de 60 dias.

Quanto à safra que começa em junho, acentua ele que só pode adiantar que os preços serão realmente ligeiramente superiores aos da safra corrente. E diz:

— Isto em consequência dos novos preços mínimos já decretados. Tudo mais que se queira prognosticar é prematuro e sem base, porquanto sem o inverno todas as previsões, todo desejo, todo empenho do agricultor e do Governo em uma super-safra, se reduzem a frustrações.

Ainda com relação ao preço mínimo, ele adianta:

— Acho que a política de preços mínimos do Governo, com referência ao algodão, dando ao maquinista uma pequena margem de lucro para, na possibilidade de não encontrar pronta colocação do produto, resolver entregá-lo à Comissão de Financiamento da Produção, através do Banco do Brasil — abre à cotonicultura no nosso Estado largos e promissores horizontes. As boas safras, as grandes safras, não ficarão sem compradores nem tampouco dependentes dos preços e das exigências de firmas largamente supridas de capital estrangeiro. Qualquer firma nacional tem possibilidades de receber o produto, beneficiá-lo e, com poucos dias, estar de posse do dinheiro para pagamento integral ao produtor. ■

Esta revista

é impressa

em

Offset

onde você

tem

impressos

de

qualidade

Rio Branco, 325

Fone 20-861

## Análise

# Guararapes, JOSSAN e APERN vão crescer em 73

De um dos Estados brasileiros onde a industrialização passava à distância, até uns poucos anos atrás, o Rio Grande do Norte se vê, hoje, numa situação diferente, apesar de os projetos industriais aqui implantados depois do advento dos incentivos da SUDENE terem carreado para cá pouco mais de 4% do total das inversões propiciadas pelo sistema, para o Nordeste.

O panorama geral, no entanto, é de alentador desenvolvimento. Já possuímos em nosso parque industrial empresas que sobressaem sobre as suas congêneres nacionais, como é o caso das Confecções Guararapes, considerada a maior do País, na produção de calças e camisas masculinas, com uma fábrica em Natal e outra em São Paulo, além de escritório e lojas nos Estados Unidos e no México. A sua hegemonia no Rio Grande do Norte não foi afetada pelas outras fábricas de confecções aqui surgidas — e em frágil desenvolvimento — mas todas reunidas dão hoje ao nosso Estado a primazia nesse setor: é, realmente, no Rio Grande do Norte que está implantado o maior parque de confecções masculinas do Brasil. E, dentro em breve, com a instalação de outra fábrica pertencente ao grupo Ducal, essa situação se corroborará ainda mais.

Numa situação parecida com a da Guararapes, está outro empreendimento: a APERN — Associação de Poupança e Empréstimo Riograndense do Norte, uma das primeiras do seu gênero a se instalar no Brasil, quando a política de poupança foi deliberadamente incentivada pelo Governo Federal. A APERN é, hoje, uma das mais fortes APEs do país, considerando-se as proporções do nosso Estado. E afora isto, será a primeira APE a inaugurar sede própria: a sua estará funcionando a partir de abril próximo, localizada na Praça Padre João Maria, em edifício de quatro pavimentos.

## UM PARQUE ECLÉTICO

Mesmo possuindo no ramo das confecções o maior número de fábricas instaladas, o parque industrial do Rio Grande do Norte pode ser considerado também pelo seu ecletismo. Os produtos naturais consolidaram empresas como a Mineração Tomaz Salustino S/A, Mineração Acauã, Mineração Bonfim e outras, na exploração de scheelita: SOSAL, companhia Comércio e Navegação, Salinas Guanabara, F. Souto, Henrique Lage Salineira do Nordeste, entre outras, na extração do sal; Nóbrega & Dantas, Algodoeira São Miguel, CISAF, no beneficiamento e na exportação de algodão, inclusive na fabricação de óleos. E a chegada dos projetos incentivados pela SUDENE propiciou a instalação de fábricas dos mais diversos ramos, à parte os grupos agropecuários, para aproveitamento das facilidades também naturais do Estado. Dentre essas, as Indústrias JOSSAN S/A, que fabrica arames, pregos e grampos.



Nilson Rocha:  
*"A Guararapes terá  
mais 1.400 empregados."*

## PRODUÇÃO E CRESCIMENTO

Tomando-se por base três das mais importantes fábricas do parque industrial potiguar, chega-se à conclusão de que a palavra de ordem nessas empresas — assim como nas demais — é o aumento de produção e o crescimento da fábrica, a partir de suas instalações físicas, aquisição de maquinaria, maior número de empregos.

As Confecções Guararapes, segundo um dos seus diretores, Nilson Rocha, fabricaram em 1972 mais de 4 milhões de camisas e em torno de 1,4 milhão de calças. A produção para 1973 está



Francinêlio Monte:  
*"Vamos produzir mais de  
7 milhões de peças em 73."*

prevista a partir de um aumento de 30% sobre a do ano passado, ou seja: ficará em torno de 5.200.000 camisas e 1.820.000 calças. O faturamento de 1972 foi em torno de Cr\$ 100 milhões, e todos esses dados são relativos apenas à fábrica de Natal.

A fábrica está construindo atualmente (espera inaugurar em março vindouro) um novo conjunto de galpões destinado não apenas ao aumento de produção programado, mas ao desafogo dos espaços atuais, já pequenos para as novas máquinas periodicamente adquiridas. O primeiro galpão do conjunto em construção já poderá começar a funcionar nos próximos dias e para instalar todos a Guararapes vai ter que adquirir mais cerca de 100 máquinas, aliás já encomendadas e prestes a chegar.

Por outro lado, mais 1400 empregos diretos serão propiciados, o que aumenta para 2.500 o número de empregados na fábrica de Natal.

## RELOCALIZAÇÃO E AUMENTO

Em julho de 1972, as Indústrias JOSSAN S/A saíram de sua fábrica no bairro das Quintas, transferindo-se para a Cidade da Esperança. Anteriormente fabricavam apenas arame trefilado e aço CA-60. Depois da realocização, entraram em produção o arame farpado, o arame galvanizado, pregos e grampos.

A fábrica começou a produzir em dezembro de 1971. Desse mês até junho de 1972, colocou no mercado (80% da produção sai para fora do Rio Grande do Norte) 65.724 quilos de arames trefilados e 209.815 quilos de Aço CA-60 (produção a partir de setembro de 1972).

A partir de junho de 1972, entram em produção os outros artigos e, como informa o diretor superintendente Abelirio Vasconcelos da Rocha, a fábrica alcançou os seguintes números, a partir daí, com relação aos outros artigos: arame farpado, 831.323 quilos; arame galvanizado, 522.171 quilos; pregos, 807.575 quilos; grampos, 127.000 quilos (as duas últimas produções iniciadas em janeiro).



**Abelirio Rocha:**  
*"A produção da JOSSAN está vendida até maio."*

Conquanto a produção de pregos e grampos citada já esteja incluída no esquema de 1973, a JOSSAN espera, este ano, atingir a seguinte escala: arames trefilados, 480 toneladas; aço CA-60, 400 toneladas; arame farpado, 2.200.000 quilos; arame galvanizado, 800 toneladas; pregos, 1.000.000 de quilos; grampos, 500 toneladas.

O faturamento de 1972 (em seis meses) foi de Cr\$ 5.619.622,84. Para 1973, a fábrica prevê Cr\$ 13.000.000,00.

Diz o sr. Abelirio Vasconcelos da Rocha que só nos seis meses de 1972 o faturamento e a produção ultrapassaram em valores físicos e financeiros o projeto da SUDENE — atingindo 8% mais do que fora previsto. A própria previsão deflacionária do projeto era de Cr\$ 5.000.000,00 — considerando-se os seis meses de atividades.

A fábrica funciona a partir da aquisição de matéria prima em Minas Gerais e em São Paulo, que aqui é trefilada, ou seja, reduzida em sua espessura, passando-se à preparação definitiva dos artigos.

Até o final do corrente mês, a Jossan espera concluir o projeto original, montando mais um forno de reco-



Em nova fábrica, a JOSSAN duplicará a produção este ano



Em 1972, o faturamento da Guararapes foi de Cr\$ 100 milhões

zimento de aço e duplicando a produção de arame farpado, instalando mais cinco máquinas.

#### CASAS E DEPÓSITOS

A APERN funciona na faixa dos depósitos dos futuros mutuários da casa própria (ou não) e do financiamento de construções.

Em 1972, foram financiadas 2.052 casas, representando uma aplicação de Cr\$ 49 milhões. Os 24.000 depositantes de 1972 deixaram na Associação ..... Cr\$ 25 milhões e em rendimentos a empresa distribuiu Cr\$ 4 milhões e 800 mil.

Diz o sr. Fernando Paiva, administrador geral da APERN que a previsão para 1973 é atingir 36.000 cadernetas de poupança com um depósito em torno

dos Cr\$ 40 milhões. Mais 1.000 casas serão financiadas em Natal, enquanto em Mossoró, onde a empresa também atua, poderá ser financiado 15% desse total. Ali a APERN já está construindo um conjunto residencial para professores da Universidade Regional próximo ao Campus Universitário. Em Natal, poderá ser construído mais um prédio de apartamentos, de 17 andares. Este ano ainda ficarão prontos os conjuntos residenciais Morro Branco, Jarama, Santo André e Bandeirantes. O edifício projetado poderá ser levantado na avenida Getúlio Vargas, em Petrópolis, com frente para o mar.

Afora isto, a APERN, que em 1972 manteve em torno de Cr\$ 4 milhões as suas reservas, espera este ano tê-las aumentado para Cr\$ 6 milhões e 500 mil esse fundo exigível por lei, para empresas do seu ramo. ■

## Exportação

# O "BOOM" DA LAGOSTA



O quadro de exportações do Rio Grande do Norte teve ano passado um dado de destaque: 408.464,00 dólares foram registrados por conta de quase 140 mil libra/peso de lagosta remetida principalmente para o mercado norte-americano. Tal fato assume maior importância quando se sabe que toda esta lagosta foi exportada pelo Porto de Natal, e mais ainda quando se calcula que nossa produção & exportação para 73 deverá se aproximar a um milhão de libras. Se isso efetivamente ocorrer, a CACEX-RN fechará o exercício atual com cerca de três milhões de dólares — só de lagosta —, quantia equivalente a quase 50% do valor total das exportações do Estado em 1972.

Por trás deste salto econômico, haveria — sem dúvida — muita coisa a ser historiada. Existe a luta do *Frigorífico Natal Pesca (FRINAPE)*, que foi a primeira empresa norte-riograndense a beneficiar e exportar a lagosta capturada em nosso litoral, em 4-5-71 (ver RN-ECONÔMICO n. 37, ano III). Existe todo um esforço de autonomia de nosso Estado, que detém mais de 90% da produção lagosteira nacional — embora nada disso conste das estatísticas oficiais. E existe, sobretudo, aquele ato objetivo do Governo Cortez Pereira que taxou em 14% de ICM, a partir de 12 de dezembro último, toda a lagosta *in natura* que sair do Estado, sugerindo pois que tal mercadoria seja beneficiada aqui e que os embarques para o exterior se dêem através do nosso Porto.

### LUGAR CERTO

A escalada ascendente da industrialização da lagosta no Rio Grande do

Norte resulta da recente instalação no Estado de diversas empresas do ramo, as quais antes se sediavam em João Pessoa, Recife e até Santa Catarina. Hoje, a cidade de Natal possui mais de dez firmas cuja principal atividade é a lagosteira. Evidentemente, cada uma destas firmas tem sua explicação particular para a escolha de nosso território, mas — no mínimo — todas identificam o RN como excelente fonte de matéria-prima.



**José Maria:**  
*"As condições oferecidas pelo RN são satisfatórias."*

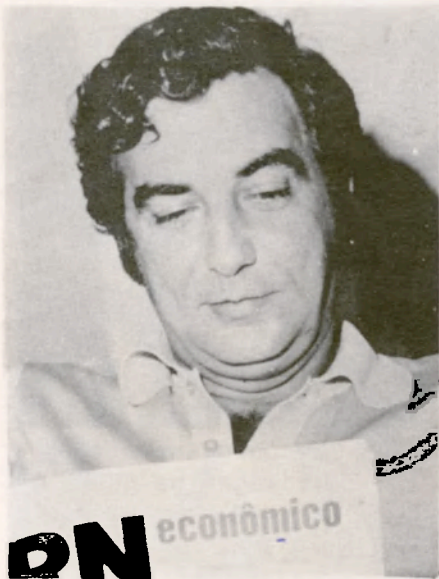
O sr. Fernando Costa Souza, diretor-superintendente da *Sul América de Pesca S/A (SUAPE)*, dá suas razões:

— *Estamos sediados no Rio Grande do Norte, desde fins de 71, porque aqui se acha concentrado o melhor potencial lagosteiro do Nordeste. Outro*

*motivo que também justifica a nossa vinda do Recife para cá, foi o ato do Governo daqui que determinou a cobrança de ICM para a lagosta in natura que porventura venha a sair deste Estado. Somos, portanto, um grupo de Pernambuco que deseja integrar-se na economia potiguar. Para nosso empreendimento, contamos com apoio da SUDENE e do BDRN, sendo que nosso investimento atingiu a um total de 5,8 milhões de cruzeiros. Temos um frigorífico com capacidade de 300 toneladas de armazenagem, um tunel de cancelamento para 18 toneladas/dia, um silo para estocagem de gelo para 80 toneladas. Compramos 20 barcos modernamente equipados. Estamos, afinal, com uma infra-estrutura capaz de fazer face às necessidades de tratamento de toda lagosta por nós capturada, e, afora isso, beneficiar a produção de pequenos e médios lagosteiros do Estado.*

A SUAPE — em 18 de novembro passado — fez sua primeira exportação pelo Porto de Natal, encaminhando para os Estados Unidos 40 mil libras do produto. Sozinha, esta empresa pretende "produzir e exportar em 73 cerca de 300 mil libras de caudas de lagosta, além de iniciar-se na produção-exportação de filé de pargos e barbatanas de tubarão" — segundo declara o diretor-comercial Antônio Paiva da Silva.

Aliás, entrando na fase da diversificação da produção, também as empresas Norte Pesca e Pesca Alto Mar estão adquirindo modernos equipamentos para fazer e exportar o filé de pargos. E a Construções Navais, Pesca e Exportações S/A (EMPESCA), que foi pio



Abelardo Bezerra criou a FRINAPE, primeira empresa a beneficiar a lagosta neira no Estado na produção do dito filé, já realizou exportação do mesmo em fevereiro último.

**EMPRESAS & INFRAESTRUTURA**

As principais firmas lagosteiras agora sediadas no RN são as seguintes: FRINAPE, PRODUPESCA, Pesca Alto Mar, Norte-Pesca, EMPESCA, SUAPE, SOECIA, Apolo Pesca, ITAPESCA, CODIPESCA e MARIMAR — estas duas em fase final de implantação.

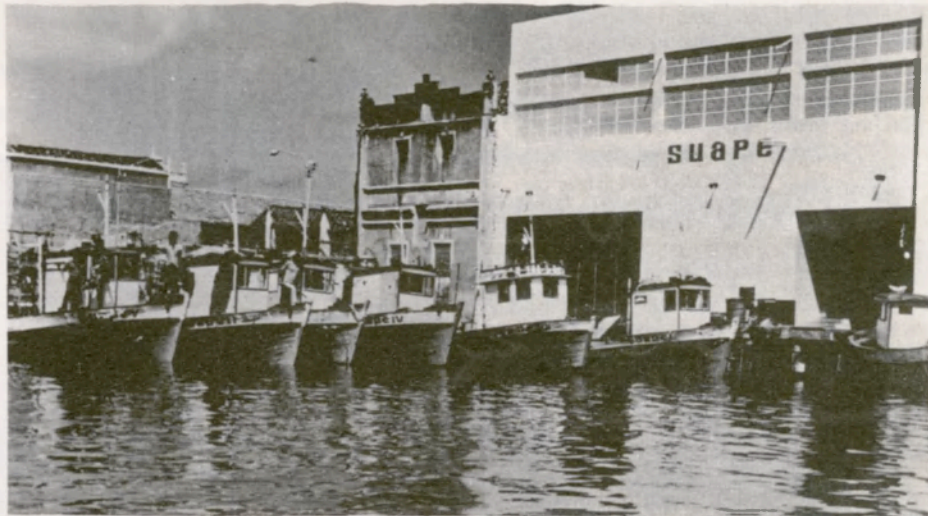
Das onze companhias citadas, apenas duas — FRINAPE e PRODUPESCA — são originárias de Natal. As demais vieram do Recife (Alto Mar, Norte-Pesca, SUAPE, ITAPESCA, MARIMAR e Apolo Pesca), João Pessoa (EMPESCA e SOECIA) e Santa Catarina (CODIPESCA).

De acordo com os cálculos do sr. José Maria Gomes de Carvalho, diretor-presidente da EMPESCA S/A, a maior destas empresas — em produção — deverá ser a Pesca Alto Mar, com cerca de 400 mil libras/ano. Em seguida viria

a Norte Pesca e a SUAPE, com 300 mil libras/ano aproximadamente, ficando mais ou menos em quarto lugar a EMPESCA: por volta de 180 a 200 mil libras/ano em 73.

Diz ainda o sr. José Maria que “em termos de infra-estrutura as condições oferecidas pelo Rio Grande do Norte são bastante satisfatórias. Temos apenas alguns pequenos problemas de energia pois a COSERN está concluindo a ampliação da rede de Natal. A questão do transporte acha-se praticamente solucionada, pois temos aqui no Porto de Natal a média de um navio por mês”.

A SUAPE é uma das mais aparelhadas empresas lagosteiras



**LAVANDERIA POTI'**  
— AGORA EM NOVO ENDEREÇO —



ATENDENDO MELHOR  
A SUA CLIENTELA.  
LAVAGEM A SECO.  
SERVIÇO RÁPIDO  
E EFICIENTE.



LAVANDERIA POTI'  
princesa isabel, 713 - cidade alta



**LUIZ VEIGA  
& CIA.**

# Haverá solução para o 34/18?

Sob o título "Hora de Mudar" o último número de RN-ECONÔMICO lançou um editorial assinado pelo nosso diretor Marcos Aurélio de Sá, dando a devida ênfase ao problema da especulação em torno dos incentivos fiscais da SUDENE. Numa linha de serenidade, mas também de altivez, o artigo falava da *crise de captação de recursos* pela qual o Rio Grande do Norte vem sendo duramente castigado.

Entretanto, parece estar surgindo agora um certo fio de esperança. Em fins de fevereiro, os jornais do Recife deram destaque a uma declaração do superintendente da SUDENE, general Evandro de Souza Lima, que poderá expressar uma alternativa à tão conturbada manipulação dos financiamentos do 34/18. Disse o sr. Souza Lima que "dentro em breve será modificado o atual sistema de captação de recursos dos incentivos fiscais para a região Nordeste, criando-se um Fundo de Pequenos Investidores, reduzindo-se os prazos de captação e estabelecendo-se uma mais rigorosa seleção e fiscalização dos escritórios que atuam como intermediários".

Complementando a informação — apesar de não estar "totalmente inteirado sobre a coisa" — o sr. Antônio de Pádua, chefe do escritório da SUDENE em Natal, disse que "a proposta foi encaminhada ao Ministério do Interior e ainda ao Ministério do Planejamento sendo que a aprovação da mesma era esperada para os primeiros meses deste ano".

### ONDE A SOLUÇÃO?

Segundo levantamentos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, os chamados "pequenos investidores" — compreendidos na faixa de até 15 mil cruzeiros — representam 85% do total das pessoas jurídicas que hoje se utilizam dos artigos 34/18, participando com 30% do valor total das inversões feitas através deste instrumento. A tese da SUDENE seria, pois no sentido de que "se esses 30% fo-

rem controlados, através do Banco do Nordeste, ficarão automaticamente condicionados os demais recursos (70%), na medida em que seria reduzido o campo de especulação dos intermediários, dando como resultado a queda do preço dos incentivos" — conforme explica o sr. Antônio de Pádua.



Pádua:  
*"Vem aí o Fundo dos Pequenos Investidores."*

Mas a atitude do chefe do escritório da SUDENE não é de absoluto otimismo. Preferindo ser *realista*, o sr. Pádua coloca as suas ressalvas:

— *Em verdade, a SUDENE tem procurado de todos os modos promover a revigoração dos incentivos. Tem sido intenso e constante o trabalho do nosso Superintendente. A idéia, por exemplo, da criação do Fundo dos Pequenos Investidores veio à tona há uns três ou quatro anos passados e chegou a ser comunicada ao Ministério do Interior, já naquela época, ainda que em linhas gerais. Sabemos inclusive que o sr. Ministro aprovou em declaração pública a medida, mas a sua efetivação depende de ato do Presidente da República, o qual está sendo esperado. Agora, não podemos negar que a situação dos incentivos registra uma fase conturbada, com vários escritórios agindo na irregularidade, na base da exploração dos que necessitam dos recursos do 34/18. Difícil, pois, muito difícil será a reformulação disso tudo. Há casos de escritórios que terão de ter suas patentes cassadas e para tanto a SUDENE e os demais órgãos que atuam no setor precisarão de instrumentos institucionais e operacionais bem claros e definidos.*

### TÁTICA & ESTRATÉGIA

Seja como for, a *hora de mudar* está soando para a SUDENE. Como diz o editorial de Marcos Aurélio de Sá: "Está claro que, da maneira como funciona, o sistema de captação de incentivos fiscais é ineficiente, incompleto. Ou o Poder Público toma uma medida urgente corrigindo os erros, ou o prejudicado maior continuará sendo o



Evandro anuncia mudanças na SUDENE

Nordeste, em nome de quem esses incentivos foram criados".

Com efeito, o economista Valdecy Eduardo da Silva da revista "Confidencial Econômico" (Recife, ano 4/ n. 80) afirma que a SUDENE "vem perdendo terreno para as suas concorrentes, nesses três últimos anos: as opções para a sua área têm diminuído, ao invés de crescerem". Argumentando, explica o economista que "estamos vivendo a época das opções para as declarações do Imposto de Renda, quando as pessoas jurídicas podem escolher entre diversos órgãos de incentivo: SUDENE, SUDAM, IBDF (reflorestamento), EMBRATUR, SUDEPE e EMBRAER".

Em outros termos, a SUDENE tem agora pela frente o desafio da competição das entidades congêneres — todas a procura de meios capazes de carrear maiores recursos para seus respectivos setores. Desse modo, a criação do Fundo dos Pequenos Investidores seria apenas uma tática dentro da estratégia anunciada pelo general Evandro de Souza Lima: "...iremos aperfeiçoar, racionalizar e tornar cada vez mais eficaz o Sistema de Incentivos Fiscais". ■



rua dr. barata, 192 • fone 11-44 NATAL, RN



# TIRE UMA FILA DE SUA VIDA!

Termine de uma vez com os problemas de fila e de trôco.

Tenha sempre com você Cadernetas ou Envelopes de selos.



**SELOS POSTAIS**  
 Ao adquirir selos novos  
 V. imediatamente, sempre e  
 sempre, com cuidado  
 para não danificar o  
 selo.  
**Cr\$ 1,00**

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS  
 Unindo o país... mais rápido!

**SELOS POSTAIS**  
 Ao adquirir selos novos  
 V. imediatamente, sempre e  
 sempre, com cuidado  
 para não danificar o  
 selo.  
**Cr\$ 2,00**

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS  
 Unindo o país... mais rápido!

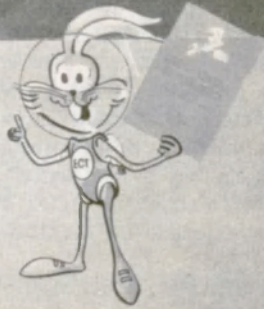
**SELOS PARA CORRESPONDÊNCIA NACIONAL**  
 Cr\$ 5,00

Não deixe de colocar em sua correspondência o Código de Endereçamento Postal (CEP) do destinatário e o seu próprio.

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



E AO ESCREVER SUA CARTA NÃO ESQUEÇA DE COLOCAR O CÓDIGO DE ENDEREAMENTO POSTAL



**EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS**  
 Unindo o país... mais rápido!

# Haverá solução para o 34/18?

Sob o título "Hora de Mudar" o último número de RN-ECONÔMICO lançou um editorial assinado pelo nosso diretor Marcos Aurélio de Sá, dando a devida ênfase ao problema da especulação em torno dos incentivos fiscais da SUDENE. Numa linha de serenidade, mas também de altivez, o artigo falava da *crise de captação de recursos* pela qual o Rio Grande do Norte vem sendo duramente castigado.

Entretanto, parece estar surgindo agora um certo fio de esperança. Em fins de fevereiro, os jornais do Recife deram destaque a uma declaração do superintendente da SUDENE, general Evandro de Souza Lima, que poderá expressar uma alternativa à tão conturbada manipulação dos financiamentos do 34/18. Disse o sr. Souza Lima que "dentro em breve será modificado o atual sistema de captação de recursos dos incentivos fiscais para a região Nordeste, criando-se um Fundo de Pequenos Investidores, reduzindo-se os prazos de captação e estabelecendo-se uma mais rigorosa seleção e fiscalização dos escritórios que atuam como intermediários".

Complementando a informação — apesar de não estar "totalmente inteirado sobre a coisa" — o sr. Antônio de Pádua, chefe do escritório da SUDENE em Natal, disse que "a proposta foi encaminhada ao Ministério do Interior e ainda ao Ministério do Planejamento sendo que a aprovação da mesma era esperada para os primeiros meses deste ano".

### ONDE A SOLUÇÃO?

Segundo levantamentos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, os chamados "pequenos investidores" — compreendidos na faixa de até 15 mil cruzeiros — representam 85% do total das pessoas jurídicas que hoje se utilizam dos artigos 34/18, participando com 30% do valor total das inversões feitas através deste instrumento. A tese da SUDENE seria, pois no sentido de que "se esses 30% fo-

rem controlados, através do Banco do Nordeste, ficarão automaticamente condicionados os demais recursos (70%), na medida em que seria reduzido o campo de especulação dos intermediários, dando como resultado a queda do preço dos incentivos" — conforme explica o sr. Antônio de Pádua.



Pádua:

*"Vem aí o Fundo dos Pequenos Investidores."*

Mas a atitude do chefe do escritório da SUDENE não é de absoluto otimismo. Preferindo ser realista, o sr. Pádua coloca as suas ressalvas:

— *Em verdade, a SUDENE tem procurado de todos os modos promover a revigoração dos incentivos. Tem sido intenso e constante o trabalho do nosso Superintendente. A idéia, por exemplo, da criação do Fundo dos Pequenos Investidores veio à tona há uns três ou quatro anos passados e chegou a ser comunicada ao Ministério do Interior, já naquela época, ainda que em linhas gerais. Sabemos inclusive que o sr. Ministro aprovou em declaração pública a medida, mas a sua efetivação depende de ato do Presidente da República, o qual está sendo esperado. Agora, não podemos negar que a situação dos incentivos registra uma fase conturbada, com vários escritórios agindo na irregularidade, na base da exploração dos que necessitam dos recursos do 34/18. Difícil, pois, muito difícil será a reformulação disso tudo. Há casos de escritórios que terão de ter suas patentes cassadas e para tanto a SUDENE e os demais órgãos que atuam no setor precisarão de instrumentos institucionais e operacionais bem claros e definidos.*

### TÁTICA & ESTRATÉGIA

Seja como for, a hora de mudar está soando para a SUDENE. Como diz o editorial de Marcos Aurélio de Sá: "Está claro que, da maneira como funciona, o sistema de captação de incentivos fiscais é ineficiente, incompleto. Ou o Poder Público toma uma medida urgente corrigindo os erros, ou o prejudicado maior continuará sendo o



Evandro anuncia  
mudanças na SUDENE

Nordeste, em nome de quem esses incentivos foram criados".

Com efeito, o economista Valdecy Eduardo da Silva da revista "Confidencial Econômico" (Recife, ano 4/ n. 80) afirma que a SUDENE "vem perdendo terreno para as suas concorrentes, nesses três últimos anos: as opções para a sua área têm diminuído, ao invés de crescerem". Argumentando, explica o economista que "estamos vivendo a época das opções para as declarações do Imposto de Renda, quando as pessoas jurídicas podem escolher entre diversos órgãos de incentivo: SUDENE, SUDAM, IBDF (reflorestamento), EMBRATUR, SUDEPE e EMBRAER".

Em outros termos, a SUDENE tem agora pela frente o desafio da competição das entidades congêneres — todas a procura de meios capazes de carrear maiores recursos para seus respectivos setores. Desse modo, a criação do Fundo dos Pequenos Investidores seria apenas uma tática dentro da estratégia anunciada pelo general Evandro de Souza Lima: "...iremos aperfeiçoar, racionalizar e tornar cada vez mais eficaz o Sistema de Incentivos Fiscais". ■



rua dr. barata, 192 • fone 11-44 NATAL, RN

guintes cidades do Estado: Santa Cruz, Mossoró, Apodi, Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó e Felipe Guerra. Em Nízia Floresta, o Instituto instalou uma estação experimental onde "estão sendo feitas pesquisas de uma imensa variedade de plantas, sendo que os testes principais são feitos com o eucalipto e com o pinheiro" — explica o sr. César Sampaio.

#### EM SE PLANTANDO...

Efetivamente, reflorestamento no Brasil se baseia nestas duas árvores: o pinheiro e o eucalipto.

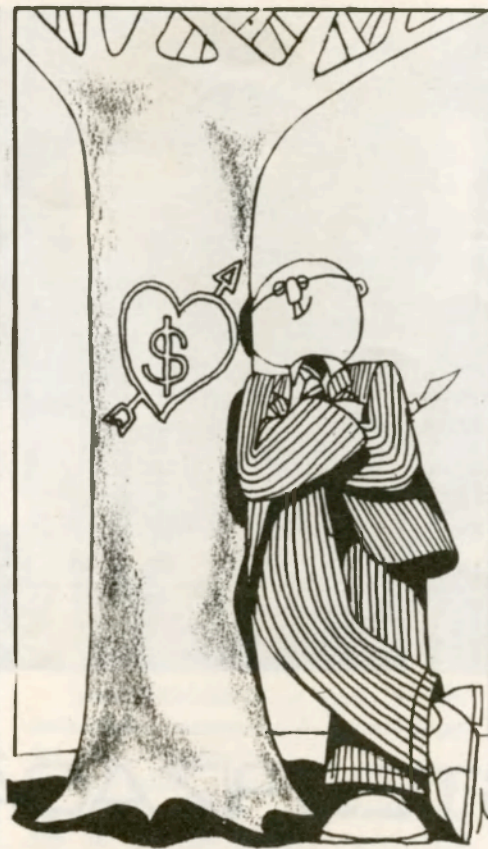
O pinheiro — *pinus elliottii* — é um dos responsáveis pela onda de otimismo que levou ao reflorestamento em escala. Existem pinheiros de diferentes espécies (além do *pinus elliottii* há — por exemplo — os "pinheiros tropicais", caribea e oocarpa, que dão muito bem em São Paulo). O engenheiro-florestal Heinrich Moosmayer considera a araucária (ou pinheiro-do-paraná) "a melhor árvore do mundo". E justifica dizendo que "a preocupação que se percebe no Brasil é a de produzir só madeira para papel e aglomerados, quando o grande problema dos próximos anos será a madeira para serraria e laminados".

O eucalipto disputa com o pinheiro a preferência dos reflorestadores brasileiros. Foi introduzido no Brasil há mais de cinquenta anos, para ser usado como combustível de nossas locomotivas. É originário da Austrália, único lugar no mundo onde as suas plantações são maiores que as do Estado de São Paulo. O eucalipto pode ser usado para a produção de papel, lenha e chapas. A vantagem do eucalipto é que ele cresce rapidamente e não exige terras muito férteis para se desenvolver. O *saligna*, o *grandis*, a *alba* e a *viminalis* são as espécies de eucalipto cultivados em nosso país.

No Rio Grande do Norte, segundo o delegado do IBDF-RN, existe a opção do caju e do côco — fruticulturas que "também podem ser consideradas reflorestamento". O caju — por exemplo — dá nas áreas onde a queda pluviométrica não é tão intensa, como no nosso litoral norte. Já o nosso litoral sul serve para coqueiros, mangueiras, abacateiros, e talvez eucaliptos. Na região do Seridó, diz o sr. César Sampaio, "poderíamos pensar nas forrajeiras, no caso a algaroba, que ajuda demais na alimentação do gado". Caicó, aliás, plantou cem mil mudas de algaroba.

#### AS HIPÓTESES DO CÔCO

Como projeto de "aproveitamento integral do côco", a COIRG — Companhia Industrial Riograndense do Norte — é pioneira nas três Américas. Esta empresa — cujo término das instalações deverá dar-se no segundo-semester des-



te ano — está cogitando de formar vastas plantações de côco-da-bahia, em termos de reflorestamento, nas imediações de suas fábricas em Parnamirim. De início, entretanto, a COIRG irá adquirir sua matéria-prima na região, comprando-a de diversos fornecedores.

Segundo o sr. Paulo Cardoso Dias, assessor da diretoria da COIRG, o projeto industrial do grupo prevê um investimento de mais de 13 milhões de cruzeiros, dos quais cerca de 5 milhões já foram captados junto à SUDENE e 2 milhões originaram-se de recursos próprios. "Conforme o projeto — explica o sr. Cardoso — a Companhia vai industrializar 30 mil frutos/dia, o que dará um total de 9 milhões de côcos por ano".

Outra informação: quando entrar em funcionamento, a COIRG — que tem como diretor-presidente o sr. Newton Leopoldo da Câmara — irá tirar do côco os seguintes produtos: fibras longas (para fabricação de tapetes, capachos, estofamentos em geral, pincéis e cordas), óleo e gordura (para uso doméstico e industrial) e torta (rica em proteínas).

#### INDÚSTRIA & COMÉRCIO

Em Natal, falando na Federação das Indústrias do RN, o alemão Heinrich Hoosmayer chamou atenção dos empresários:

"O importante — disse ele — não é apenas olhar a árvore crescer, mas, prin-

### INCENTIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO FLORESTAL

#### PESSOAS JURÍDICAS

— Incentivos a investimentos no setor. Pessoas jurídicas podem descontar do imposto de renda devido, desde 1971, as quantias aplicadas em empreendimentos florestais, cujos projetos tenham sido aprovados pela IBDF. O teto é de 50% do imposto devido na declaração de rendimentos. O desconto não se aplica a adicionais restituíveis, impostos devidos por lançamento *ex officio* ou suplementar e nem pode ser gozado por contribuintes em débito com o imposto de renda, salvo se os débitos estiverem dependendo de decisão judicial ou administrativa. Legislação: decr.-lei n.º 1134, de 16-11-60, art. 1.º, § 2.º.

#### PESSOAS FÍSICAS

— Incentivos a investimentos no setor. Pessoas físicas podem abater da renda bruta as importâncias comprovadamente aplicadas em florestamento ou reflorestamento, e relativas ao ano-base do exercício financeiro em que o imposto for devido. Legislação: lei n.º 5105, de 2-9-66, art. 1.º, § 1.º; decreto n.º 59615, de 30-11-66, art. 1.º, § 1.º.

#### INCENTIVOS EM GERAL

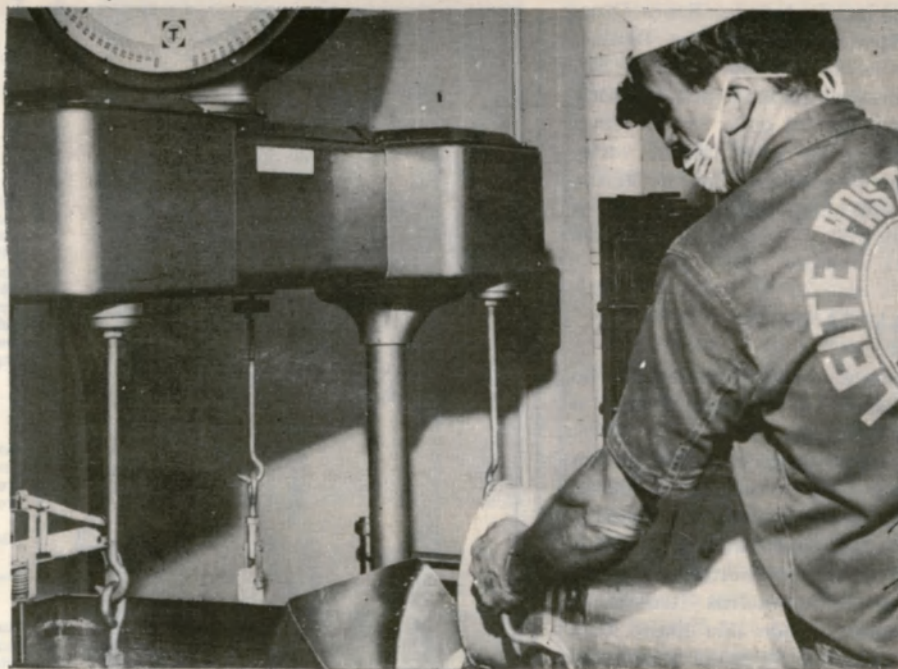
— Incentivo à preservação de matas. Estão isentas de imposto territorial rural as áreas com florestas sob regime de preservação permanente e as áreas com florestas plantadas para fins de exploração madeireira. Se se tratar de floresta nativa, a isenção estará limitada a 50% do valor do imposto que incidir sobre a área tributada. Legislação: lei n.º 4771, de 15-9-65, art. 39.

— Incentivo à preservação e à formação de florestas. O valor das reservas florestais não exploradas ou em formação não será computado no cálculo do rendimento tributável decorrente da exploração agropecuária. Legislação: lei n.º 5106, de 2-9-66, art. 1.º, § 2.º; decreto n.º 59615, de 30-11-66, art. 1.º, § 5.º.

cialmente, saber se ela pode ser industrializada. Mesmo que o Sul tenha uma visível vantagem sobre o Nordeste, todas as regiões tem igualdade de condições perante o IBDF. O que o Instituto pretende, e já está fazendo, é elaborar um trabalho no sentido de determinar as áreas prioritárias de cada um dos Estados do Brasil, identificando as espécies mais adaptáveis aos diferentes tipos de ecologia".

E o sr. César Sampaio, convidando os empresários a procurarem o IBDF-RN, "a fim de melhor tomarem conhecimento das oportunidades de investimentos em reflorestamento no Estado, que são muitas", lembra — também — as "excelências" do mercado externo. Informa ele que "o comércio externo para o eucalipto e o pinheiro, em função das indústrias de papel, é simplesmente ótimo. O mesmo se pode dizer em relação à castanha do caju. Moçambique era que fornecia a castanha para os Estados Unidos, mas houve uma praga em suas plantações e hoje o mercado está francamente favorável".

Finalmente, revela o delegado do Instituto em Natal que este mês, ele terá uma reunião com o presidente do órgão, em Brasília, ocasião em que "serão tratados assuntos de interesse do Nordeste e do Rio Grande do Norte em particular, devendo sair deste encontro uma definição de mais e melhores oportunidades para os empresários que procurarem o setor".



Questão do leite

# A PASTEURIZAÇÃO É IRREVERSÍVEL

A contradição entre a Indústria de Laticínios de Natal S/A (ILNASA) e os revendedores de leite *in natura* ocupou mais uma vez as manchetes dos jornais, quando (em meados de fevereiro último) nova arrancada de fiscalização foi desencadeada sobre "os clandestinos". Como sempre, muita gente gritou e alguns revendedores — a exemplo do sr. Luiz Miranda — lançaram severas críticas contra a ILNASA, criando assim mais um capítulo da novela que vem ao ar de tempos em tempos.

Objetivando colocar os pontos nos "is" da situação, RN-ECONÔMICO entrevistou o atual diretor presidente da ILNASA, economista Gláucio Wanderley (26 anos), empossado no cargo em fins do ano passado. O sr. Gláucio e seu diretor-de-produção, sr. Roberto Lamas (28 anos), são os homens responsáveis pela política de arrocho iniciada desde janeiro e que "de agora para frente irá prosseguir firme, pois é algo de interesse público e encontra pleno apoio legal".

No diálogo mantido com o repórter, o jovem diretor-presidente da ILNASA responde a todas acusações dos revendedores do chamado "leite cru" em Natal e fala dos planos de sua Indústria de Laticínios.

## PLENO VAPOR

RN-ECONÔMICO — Qual a principal função da ILNASA

GLAUCIO — É o beneficiamento do leite e também a fabricação de manteiga, queijo e iogurte. A nossa produção atual de leite pasteurizado (em 25/2) é de 17.500 litros/dia, mas a perspectiva é de aumentarmos para uma média diária de 20 mil litros, até fins de março. De manteiga produzimos 4.000 a 4.500 quilos por mês. Queijo só fabricamos quando há excesso de matéria-prima, pois se trata de uma produção anti-econômica. Finalmente, passaremos a fazer iogurte a partir de julho ou agosto.

RN-ECONÔMICO — Dizem os revendedores que a ILNASA não está preparada para receber e beneficiar todo o leite da bacia do grande Natal e — no entanto — quer impor proibição ao fornecimento do leite *in natura*. Como se explica esse protesto?

GLAUCIO — A posição de tais revendedores se explica, embora não se justifique pelo seguinte: evidentemente, os revendedores de leite cru, que não raro vendem a Cr\$ 1,00 e Cr\$ 1,20 o litro, irão levar um certo prejuízo na

medida em que são obrigados a entregar o leite à ILNASA por 67 centavos. Ocorre que este preço não foi estabelecido por nós, e sim pela SUNAB, nos termos da Portaria n. 41, de 17-9-71. Tal norma fixa também o preço do leite pasteurizado a 87 centavos o litro para os revendedores, e a 90 centavos para os consumidores. Agora, dizer que a ILNASA não tem condições de receber todo o leite da bacia de Natal é uma farsa. Muito ao contrário, a ILNASA tem todas as condições de abastecer a cidade inteira, fazendo face ao consumo de cerca de 30 ou 35 mil litros diários.

RN-ECONÔMICO — Então as instalações atuais da ILNASA são suficientes? Quer dizer: se de uma hora para outra todos os produtores de leite cru houvessem por bem vender seu leite à Indústria de Laticínios de Natal, seria ela capaz de beneficiar tudo?

GLAUCIO — Perfeitamente. Como disse, temos as condições. Temos quase 540 mil cruzeiros empregados em máquinas e equipamentos os mais modernos. Temos pasteurizadores, empacotadoras automáticas, padronizadores de leite, centrifugadores, tanques de aço inoxidável, etc., tudo montado para funcionar a pleno vapor.

## FICA PROIBIDO

**RN-ECONÔMICO** — A fiscalização contra a entrada do leite cru em Natal parte de uma proposta da ILNASA, algo assim "em favor da saúde da população", ou seria uma proibição imposta por Lei?

**GLAUCIO** — Trata-se de uma proibição. O Decreto n. 66.183, de 5-2-70, assinado pelo Presidente da República, anuncia de modo claro em seu artigo 1.º: — "É proibida a venda de leite cru para consumo direto da população em todo território nacional". E o artigo 3.º completa: "A autoridade inutilizará para consumo humano, *in natura*, o leite cru cuja distribuição contrariar as normas deste Decreto, sem prejuízo das sanções penais aplicáveis ao infrator". Portanto, a legislação classifica como crime a atitude dos que ferirem suas regras e inclusive prevê sanções para o caso.

**RN-ECONÔMICO** — No plano do Rio Grande do Norte existe alguma norma específica quanto ao problema?

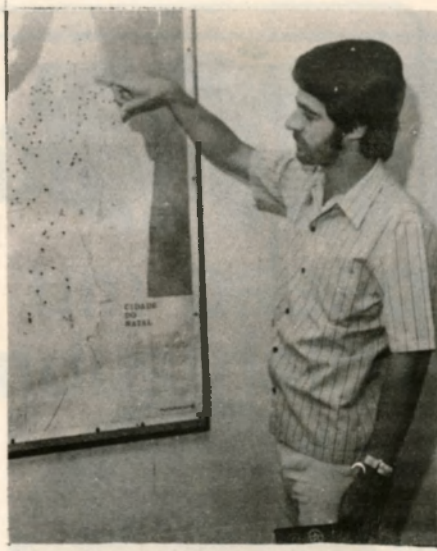
**GLAUCIO** — Também existe. Uma Portaria de n.º 48, de 26-2-70, da Secretaria de Estado da Saúde Pública, considera em seu item "e" que há em Natal usina de beneficiamento de leite em condições de abastecer para consumo toda a população da Capital. Esta mesma Portaria resolve, em seu artigo 1.º, que "fica proibida a contar de 20-3-70 a venda de leite cru no Natal".

**RN-ECONÔMICO** — Para fazer cumprir tais dispositivos legais, que dispositivos operacionais estão sendo usados?

**GLAUCIO** — A fiscalização se faz por parte da Secretaria de Saúde, com apoio da Polícia Militar do Estado. Os dispositivos são montados, diariamente, em diferentes entradas de Natal e todo o leite apreendido vem direto para a ILNASA para pasteurização. De outro lado, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos já notificou uns 60 donos de vacarias do perímetro urbano da Capital, exigindo a retirada das mesmas deste local. Algumas destas vacarias possuem até 80 vacas leiteiras, inclusive vacas holandesas. O negócio do leite cru é uma fonte de grande lucro; daí a grita do pessoal.

**RN-ECONÔMICO** — E a hipótese de a Secretaria de Saúde conceder "autorização especial" para um ou outro revendedor. Existe isso?

**GLAUCIO** — Nada disso. A proibição é geral e absoluta. O leite cru não pode ser trazido da fazenda nem mesmo para consumo pessoal do portador e sua família.



Glaucio Wanderley:  
*"A ILNASA tem condições de receber toda a produção da bacia leiteira."*

**RN-ECONÔMICO** — Quais os resultados da campanha de fiscalização dos últimos meses?

**GLAUCIO** — Basta você ver o aumento da produção da ILNASA: em fins de fevereiro estamos produzindo 17.500 litros/dia, enquanto que no início de janeiro produzíamos de 14 a 15.000 litros. Isto é, a campanha trouxe para a ILNASA cerca de mais 2.500 litros/dia, somando-se as apreensões diretas e o respeito espontâneo dos fornecedores compreensivos.

## CRU x PASTEURIZADO

**RN-ECONÔMICO** — Afinal, quais as vantagens reais do leite pasteurizado? Quais os elementos nocivos do leite cru?

**GLAUCIO** — Passo ao repórter as declarações da farmacêutica-bioquímica Dilma Oliveira Brunet de Sá, Chefe de Controles Industriais da ILNASA. O leite pasteurizado, não sendo fervido, possui integralmente o teor de proteínas e vitaminas do leite *in natura* e — por outro lado — fica isento de suas impurezas. No processo de pasteurização são eliminadas em 99% as bactérias patogênicas, que são as que podem produzir doenças, tais como: brucelose, aftose, tuberculose, desinterias, peritonite, etc. Em 15.000 litros de leite centrifugados, tiramos cerca de 4 kg. de sujeira, entre pelos, resto de ração, fezes, sangue e outros materiais. Eis porque o leite pasteurizado deixa de ser "grosso", como se diz. Afora isso, a pasteurização deixa o leite com apenas 3% de gordura, de acordo, aliás, com antiga legislação alimentar do Ministério de Saúde. Com o excesso de gordura, que no leite aumenta a taxa de colesterol dos consumidores, sendo ruim para a saúde, fazemos a manteiga tipo "C" — já colocada no mercado de Na-

tal. Ademais, a qualidade do leite da ILNASA foi também atestada pelo dr. Rudy Fuglioli, especialista do navio Hope (*milk-plant*), que em 5-12-72 estudou nosso produto e aprovou-o como "plenamente satisfatório".

## PLANOS & PROBLEMAS

**RN-ECONÔMICO** — Quais as principais realizações da atual diretoria da ILNASA?

**GLAUCIO** — Logo que assumimos demos especial atenção ao setor de comercialização. Adquirimos 70 frisas-conservadoras e 2.000 caixas para transporte de leite. De janeiro para cá, abrimos mais 40 novos postos de venda de leite pasteurizado, sendo que assim totalizamos 220 postos em Natal. Estamos com três caminhões colocando leite na praça e em março vamos adquirir mais um.

**RN-ECONÔMICO** — Alguma dificuldade?

**GLAUCIO** — A dificuldade que enfrentamos é a pequena "margem de usinagem", ou lucro-bruto, permitido à ILNASA: este, desde 1969 está fixado em apenas 20 centavos por litro de leite pasteurizado. Mas, agora, segundo o "Boletim do Leite" de fevereiro iremos ter um aumento a ser tabelado pela SUNAB, depois do carnaval. Isso beneficiará também os revendedores. Só que não sabemos de quanto será o aumento.

**RN-ECONÔMICO** — E os planos atuais? Dizem que a INASA tem uma campanha de publicidade para fazer?

**GLAUCIO** — Sim. Temos programada uma campanha de esclarecimento à população, visando o aumento do consumo de leite pasteurizado. Vamos utilizar rádio, slides, etc. Aliás, em todos os nossos planos e campanhas temos tido importante apoio tanto do BDRN, quanto do Governo do Estado. Estamos ainda abertos ao diálogo com os senhores vendedores e revendedores de leite convidando-os a visitar a ILNASA e a trabalharem unidos conosco, pois somente assim seremos fortes.

**RN-ECONÔMICO** — Duas últimas perguntas: qual o consumo de leite em pó em Natal? e qual o capital da ILNASA?

**GLAUCIO** — O consumo de leite em pó aqui deve estar por volta de 5.000 litros diários, que somados aos 17.000 da ILNASA e aos 13.000 de leite *in natura* dão o total de 35.000 litros. De outro lado, o capital autorizado da ILNASA é de dois milhões de cruzeiros e o capital subscrito é de 1.436.076,00. Como maior acionista da empresa, o BDRN possui atualmente Cr\$ 362.695,00, isto é, aproximadamente 20% do capital subscrito. ■



natal  
serviço de  
publicidade  
mirim  
ltda.

O cafezinho do seu  
escritório não é mais  
problema. NATAL SERVIÇO  
DE PUBLICIDADE MIRIM  
fornece à sua empresa o  
CAFÉ SÃO LUÍZ em garrafa  
têrmicas. E você paga  
por mês, sem problema.

R. JOSE DE ALENCAR, 706

# GRÁFICA MANIMBÚ

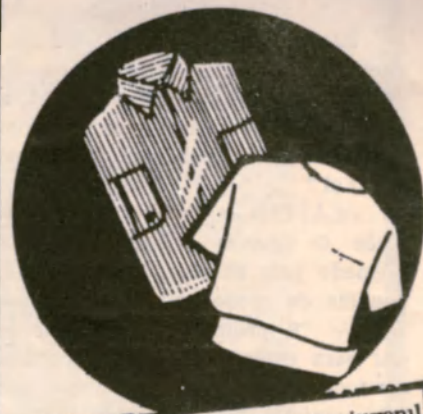
Composição

Impressão

Clicheria

Rua Assú, 666

Natal — RN



agora também linha infante-juvenil



linha  
masculina

MATRIZ: rua Amaro Barreto, 1343

FILIAL: rua João Pessoa, 183

NATAL — RN

## PASTELARIA NATAL

José Zélio Caldas  
de Vasconcelos



especialista em  
salgados e doces.  
entrega a domicílio  
pelo telefone 2-0758

rua apodi, 311



TRANQUILIDADE  
É O PRIMEIRO  
PASSO PARA UM  
BOM NEGÓCIO.

Música é  
tranquilidade em todos  
os ambientes

### UNO-SOM

leva boa música  
para você, onde você quiser

Ed. Barao do Rio Branco

4º andar - sala 408

NATAL-RN

# RN-ECONÔMICO

## é desenvolvimento

leia,  
assine e  
colecione

Cartas,  
pedidos de informações  
econômicas,  
colaborações,  
solicitação de  
assinaturas,  
sugestões e críticas  
devem ser encaminhados  
para:

EDITORA  
RN-ECONÔMICO LTDA.  
Rua Princesa Isabel, 670  
Natal (RN)

# I ENLIT

## um passo concreto para a industrialização do RN



O I ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES DA INDÚSTRIA TÊXTIL, promovido pelo Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, foi um passo concreto para a industrialização do Estado. Mais ainda: foi a mais importante reunião de empresários já realizada aqui, com o fim de atrair grandes investimentos.

Com o patrocínio do BDRN e da RHODIA, o Governo Cortez Pereira mostrou aos dirigentes de indústrias do Sul do país as oportunidades e as vantagens de investir no algodão, numa terra cuja vocação industrial já está definida em favor do têxtil.

Mas, Governo e BDRN não pararam na realização do I ENLIT: levando consigo empresários do RN, foram a São Paulo aprofundar os contatos e fechar negócios, dentro do Programa de Integração Empresarial São Paulo-Nordeste — PIESANOR; e, agora, vão ao Rio de Janeiro, participar do I SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL, promovido pela Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento, de 2 a 5 de abril.



# B. D. R. N.

## banco de desenvolvimento do rio grande do norte

veículo da política de desenvolvimento do governo CORTEZ PEREIRA

# RN-ECONÔMICO

é lida pela classe A

## do Rio Grande do Norte



Cada mês, uns poucos milhares de assinantes espalhados em 122 dos 150 municípios do Rio Grande do Norte recebem e lêem a revista RN-ECONÔMICO.

Eles formam o que se pode considerar a classe A do Estado. São pessoas quase sempre com educação de nível superior, dirigentes de empresas, profissionais de destaque, líderes políticos, todas com um bom poder aquisitivo.

São as pessoas que podem comprar e que podem formar opinião. Os poucos milhares de assinantes da revista RN-ECONÔMICO são pessoas que lêem os assuntos de economia. Isso basta para recomendá-los. Quem lê sobre economia tem mais visão e mais dinheiro.

Quando V. programar a publicidade de sua empresa pense com bom senso: mande também a sua mensagem para a classe A, a classe que decide.

Obtenha informações e tabela de preços de anúncios em RN-ECONÔMICO telefonando para 2-0706. Teremos o maior prazer em enviar um dos nossos agentes ao seu escritório.

Editora \_\_\_\_\_

RN-ECONÔMICO

\_\_\_\_\_ Ltda.

Rua Princesa Isabel, 670  
Fone 2-0706 - Natal(RN)